

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**INFERÊNCIAS: A FORÇA PERSUASIVA DO DITO PELO NÃO DITO NO
ESTABELECIMENTO DE COMPORTAMENTOS SOCIAIS**

CASCADEL – PR

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

REGINALDO NASCIMENTO NETO

**INFERÊNCIAS: A FORÇA PERSUASIVA DO DITO PELO NÃO DITO NO
ESTABELECIMENTO DE COMPORTAMENTOS SOCIAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção de título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Ciro Damke

Cascavel – PR

2008

**INFERÊNCIAS: A FORÇA PERSUASIVA DO DITO PELO NÃO DITO NO
ESTABELECIMENTO DE COMPORTAMENTOS SOCIAIS**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, em 11 de dezembro de 2008.

Prof^a. Dr^a. Aparecida Feola Sela (UNIOESTE)
Coordenadora

A mesma foi apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos professores:

Prof^a. Dr^a. Mônica Maria Guimarães SAVEDRA BARRETTO (UERJ/PUC-Rio)
Membro Efetivo (convitado)

Prof^a. Dr^a. Maria Ceres Pereira (UFGD)
Membro Efetivo

Prof^a. Dr^a. Clarice Nadir Von Borstel (UNIOESTE)
Membro Efetivo (da instituição)

Prof^a. Dr^a. Eliane Cardoso Brenneissen (UNIOESTE)
Membro Suplente (da instituição)

Orientador: Prof. Dr. Ciro Damke (UNIOESTE)
Orientador

Cascavel, 11 de dezembro de 2008

Aos pilares da minha felicidade: Olívia, Christopher e Kelvin.

Com reconhecimento, agradeço:

A Deus que imanentemente me acompanhou e sustentou em todas as horas.

Ao Prof. Dr. Ciro Damke, orientador desta dissertação e amigo que contribuiu imensamente com os direcionamentos desta pesquisa e outorgou-lhe um tom de cientificidade e prazer no decorrer de todo o procedimento.

À Profa. Dra. Clarice N. Von Borstel, co-orientadora desta dissertação e grande contribuidora com literatura adequada e pertinente ao tema.

À Profa. Dra. Aparecida Feola Sella pelas aulas motivadoras e constantes incentivos.

À Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves pela ponderação e auxílio na busca de meus direcionamentos de pesquisa.

Aos amigos do Mestrado pelo incentivo, contribuição, amizade no decorrer da caminhada.

Aos meus pais, Aparício Nascimento e Alzira Duarte Nascimento pelo estabelecimento de alicerces educacionais em minha vida.

Ao especial amigo Dr. Flávio José Silva de Souza pelo suporte nas horas agradáveis e difíceis.

A minha estimada esposa Olívia e meus amados filhos Christopher e Kelvin por suportarem a distância sem redução do amor e afeto.

A Profa. Dra. Iva Souza pela amizade e motivação apreciadas e muito necessárias.

Aos amigos e irmãos que oraram por meu êxito acadêmico.

Ao presidente da Missão Maranhense Pr. Ezequias Melo de Freitas Guimarães, pela generosidade em participar com parte do suporte financeiro empregado nesta jornada de estudos.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a consumação deste trabalho.

“Como vaso de barro coberto de escórias de prata, assim são os lábios bondosos e o coração maligno.”

Provérbio 26:23 - Bíblia

“...Mas as palavras são mais que indicação do caráter; elas têm poder de reagir no caráter. Os homens são influenciados por suas próprias palavras.”

(WHITE, 1890)

RESUMO

NASCIMENTO, Neto. Reginaldo. **Inferências: a força persuasiva do dito pelo não dito no estabelecimento de comportamentos sociais.** 2008. 117 páginas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Universidade Estadual Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2008.

Orientador: Prof. Dr. Ciro Damke

Defesa: 11 de dezembro de 2008.

Este trabalho tem o objetivo de demonstrar que as inferências lingüísticas têm força persuasiva capaz de retratar, reforçar e estabelecer condicionamentos sociais de forma sub-reptícia. Parte-se do pressuposto que a manipulação de processos inferenciais pode instilar veladamente silhuetas ideológicas múltiplas diminuindo e, às vezes, até anulando o arbítrio da individualidade. Após expor que os textos escritos são estruturas permeadas de poros e ambigüidades, discute-se o papel da inferência como dispositivo que relaciona aspectos sociais com o significado em conformidade ao conhecimento previamente estabelecido durante a primeira socialização que, via linguagem, cunha os arbítrios mentais que determinarão seus juízos de valor e significação de mundo. Nesse sentido, buscou-se respaldo teórico nos escritos de Pinker (1998) e Vigotsky (1993) no que concerne ao funcionamento do pensamento; Charaudeau (2007), quanto ao discurso e persuasão; Labov (1972), Damke(1992), no que trata a sociolingüística, Goffman (2002), Bourdieu (2005) Berger e Luckman(1994) quanto à relação linguagem e sociedade, Lipton (2004), Sperber & Wilson (2001), Kleiman (2004), Koch (2006) e Marcuschi(2007) referente à inferência. Segue-se a perspectiva sócio-cognitiva concluindo-se que a leitura centra-se no leitor. É nele que ocorrem as inferências, isto é, o leitor é quem estabelece relações com o texto por meio de conhecimentos partilhados ou situados que lhe são acumulados desde a socialização primária. Para comprovar esta afirmativa, far-se-á análise de alguns textos como charges, músicas e propagandas nas quais a linguagem inferencial é usada abundantemente.

Palavras-chave: Inferência; Força persuasiva; Texto.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Neto. Reginaldo. **Inferências: a força persuasiva do dito pelo não dito no estabelecimento de comportamentos sociais.** 2008. 117 páginas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Universidade Estadual Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2008.

Orientador: Prof. Dr. Ciro Damke
Defesa: 11 de dezembro de 2008.

This paper intends to show that linguistic inferences have tacitly persuasive power capable to portray, reinforce and establish social conditionings. It starts on the presupposition that processes of inferences manipulation can introduce several ideological outlines that reduce and, sometimes, nullify the individuality arbitration. After showing that texts are structures full of gaps and ambiguities, it discuss the inference role as a dispositive that relates social aspects with meaning in accordance with the previously interiorized knowledge during the first socialization, and by mean of language, mark neural ways that will cooperate for the world signification and the individual's judgments of value. So, it is built on the theoretical base written by Pinker (1997) and Vigotsky (1993) concerning to the thought mechanism; Silva (2001), Charaudeau (2007), about discourse and persuasion; Labov (1994), Damke(1992), on sociolinguistics; Goffman (2002), Bourdieu (2005) Berger e Luckman(1994) when they treat about the relation of language and society; Lipton (2004), Sperber & Wilson (2001), Kleiman (2004), Koch (2006) e Marcuschi(2007) about inference. It follows the socio-cognitive perspective and it concludes that the act of reading is centered in the reader. The inferences occur in him/her, i/e., the reader establishes relations with the text by mean of situated or shore knowledge accumulated since first socialization. To prove such a declaration, some texts as charges, music and advertisements where inferences are plenty used will be analyzed.

Key words: Inference; Persuasive force; Text.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	xi
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO E METODOLOGIA	05
1.1. DEFINIÇÃO DO TIPO DE PESQUISA.....	05
1.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	05
1.2.1. Definição do <i>corpus</i>	06
1.3. OBJETIVOS.....	07
1.3.1. Objetivo Geral.....	08
1.3.2. Objetivos Específicos.....	08
1.3.3. Justificativa.....	08
CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1. O CONCEITO DE INFERÊNCIA.....	11
2.2. LEITURA: INFERÊNCIAS MÚLTIPLAS.....	14
2.3. INFERÊNCIAS ACIONADAS E INFERÊNCIAS VELADAS.....	16
2.4. PANORAMA DIACRÔNICO DA RELAÇÃO ENTRE ESCRITA E INFERÊNCIA.....	18
2.4.1. A escrita ideográfica e a inferência.....	21
2.4.2. O princípio da acrofonia.....	22
2.5. LINGUAGEM E SOCIEDADE.....	25
2.6. A LINGUAGEM INFERENCIAL.....	31
2.7. INFERÊNCIA E INFLUÊNCIA SOCIAL.....	35
2.7.1. Retrato, reforço e estabelecimento sociais por inferências.....	36
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>: TEXTOS CLASSIFICADOS POR TEMAS DE INFERÊNCIAS	41
3.1. TEMA 1: SAÚDE PÚBLICA.....	43
3.1.1. Dengue e violência.....	43
3.1.2. O mosquito na praia.....	54
3.1.3. Sangue: ou dá ou desce.....	61
3.2. TEMA 2: O GÊNERO FEMININO.....	68
3.2.1. Mulheres falam: fita crepe.....	68
3.2.2. Mulheres escrevem: sexo na carta.....	75
3.2.3. Mulheres na música: A garagem da vizinha.....	81
3.2.4. Mulheres vendem: Juliana Paes e o chinelo	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	99

LISTA DE FIGURAS

Figura A – . Triângulo de Kaniza.....	13
Figura B – Placa de trânsito.....	15
Figura C – Exemplo de inferências veladas e ostensivas.....	17
Figura D – Exemplo de escrita ideográfica.....	22
Figura E – Personagens da charge 1.....	46
Figura F - Calçadão da Avenida Atlântica em Copacabana no RJ.....	55
Figura G - Mulheres faladeiras.....	70
Figura H - Intersecção de <i>Frames</i>	73
Figura I – Inferência dedutiva: se/então.....	79
Figura J – Juliana Paes e as sandálias havaianas.....	89

INTRODUÇÃO

A escrita é um legado técnico cultural das civilizações primitivas à humanidade cujo aperfeiçoamento vem acontecendo por meio de um processo longo e paulatino, desde seu surgimento no quarto milênio a.C.

No entanto, a despeito dos recentes avanços obtidos pelo estudo da lingüística no que se refere ao estreitamento entre a representação gráfica e o significado, é impossível a essa invenção, suprir o texto com a plenitude de informação necessária, capaz de convertê-lo em uma construção exata e inequívoca de sentido único.

Decorre daí que, os problemas de ambigüidade, frutos de polissemia, homonímia e demais vaguezas promovem discontinuidades que tornam o texto repleto de poros, portanto immanentemente rarefeito e incoerente. A palavra *ambigüidade* é sinônima de anfibologia e deriva dos termos gregos *αμφιβολία* (amphibolia) e *λογος* (logos), raízes que significam respectivamente *duplo* e *significado*. Lyons (1987) explana que ambíguo é um signo que codifica mais de uma informação. Além dos signos, é claro, as estruturas frásticas também podem promover ambigüidades. Então, como pode ser lógico um termo ou referencial que possui duas ou mais variantes?

Por outro lado, uma tentativa de eliminar todas as brechas textuais com um maior número possível de elementos coesivos, apostos, explicações e definições, opilaria ainda mais a compreensão do texto, gerando um outro número de discontinuidades.

Nessa mesma perspectiva, compreende-se que dada essa dificuldade da escrita de, por si só, eliminar as discontinuidades de sentido da ação comunicativa, a comunicação não ocorre somente por meio de habilidades lingüísticas.

É bem verdade que a busca pela inserção de pronomes coesivos, esmero na adequação lexical, pretensa obediência sintática e encadeamentos conjuntivos reduzem a extensão hiatal entre o escrito e o entendido, porém, esses elementos não dão conta unilateralmente de propiciar coerência à língua. São necessários elementos extralingüísticos, isto é, inferenciais para garantir a coerência e conseqüente compreensão mais pertinente do significado do texto. Isto se dá porque a língua não é autônoma. (MARCUSCHI, 1994; LAKOFF, 2002).

Sendo assim, a mecânica das palavras e o movimento pragmático que elas realizam fundem-se em cooperação mútua e estabelecem um sistema de propósitos funcionais.

O significado ocorre quando a associação de orações produz uma relação inferencial que ressalta o sentido gerado pela combinação dessas orações. Sendo assim, destaca-se que não é só o lingüístico que determina o sentido da mensagem de forma única, mas o contexto e o conhecimento de mundo e inferencial que o falante tem da língua.

Charaudeau (2007) declara a inexistência da comunicação de forma alheia ao social quando a compara por oposição com os elementos físicos da realidade material, cuja existência independe do homem, embora a significação da matéria vincule-se à percepção deles oriunda. Então, afirma que, “a informação é pura enunciação” ao postular que “ela [a informação] constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento.” (CHARAUDEAU, 2007, p. 36).

Nessa perspectiva, compreende-se que é impossível à língua/linguagem desmembrada dos contextos sociais nos quais ela está inserida, ser plenamente

significativa daí, requer-se um sistema capaz de fazer essa relação e gerar significação, que será chamado doravante de inferenciação.

Supõe-se neste trabalho que, ao se prever como essa relação pode ser estabelecida pelos conceitos cristalizados no imaginário social, seja também possível, manipular a disposição das pistas informativas, no intento de acionar certas inferências na mente do interlocutor, de forma tão tácita que essa argumentatividade velada seja aceita como oriunda do próprio pensamento do indivíduo. Isto arrefeceria os filtros de questionamento crítico e contra-argumentação.

Assim, a hipótese desta pesquisa é que o universo inferencial retrata, reforça e estabelece comportamentos sociais de forma sub-reptícia. Portanto, se a manipulação desses processos inferenciais pode instilar veladamente silhuetas ideológicas múltiplas, anulando o arbítrio da individualidade, tal fenômeno demanda investigação científica, além do que, há pouca pesquisa que referenda esse assunto.

Para testar a cientificidade dessa hipótese, buscou-se respaldo teórico nos escritos de Pinker (1998) e Vygotsky (1993) no que concerne ao funcionamento do pensamento; Charaudeau (2007) e Maingueneau (2008) quanto ao discurso e à persuasão; Labov (1972), Damke (1992) sobre o que trata a sociolinguística; Goffman (2002), Bourdieu (2005), Berguer & Luckman (1994) quanto à relação da linguagem com a sociedade; Lipton (2004) Sperber & Wilson (2001), Kleiman (2004), Koch (2006), Marcuschi (2007), Grice (1982) referente à inferência.

O trabalho se desenvolve no sentido de discutir o que são inferências. Sobre que bases elas se mantêm? Quais os gatilhos que as acionam? São os textos portadores de inferências de sentido único ou motivam inferências múltiplas no leitor capazes de veladamente retratar, reforçar e estabelecer comportamentos sociais?

O presente trabalho sobre *Inferências: o dito pelo não dito no estabelecimento de comportamentos sociais* organiza-se em três capítulos. O primeiro

capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados, o tipo de pesquisa realizada, a delimitação do tema, a forma de seleção e definição do *corpus*. Também apresenta um panorama diacrônico da íntima relação existente entre a escrita e as inferências que retratam, reforçam e estabelecem comportamentos sociais desde a fase pictográfica, avançando pela ideológica, proto-silábica, e rupestre no decorrer do desenvolvimento do alfabeto.

O segundo capítulo é reservado à referenciação teórica e à discussão com os principais autores e seus conceitos e interdiscurso na tentativa de se extrair um conceito mínimo comum sobre inferências.

Centra-se no terceiro capítulo, a apresentação e a análise do *corpus* que se classifica por temas inferenciais relacionados à saúde pública e ao gênero feminino respectivamente no que concerne à epidemia de dengue e à doação de sangue retratadas em charges, anúncios publicitários, música e propaganda.

Espera-se através deste trabalho ampliar os estudos sobre a linguagem inferencial, em especial, no estabelecimento de comportamentos sociais.

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO E METODOLOGIA

São visíveis os avanços da humanidade a partir da sistematização da pesquisa como forma de obtenção do conhecimento. A continuidade e progressão das descobertas estabelecem uma ligação entre as experiências e novas inquietações.

Iniciar um procedimento de pesquisa a partir do marco zero, ignorando os avanços já feitos por predecessores na pesquisa é inadequado e impróprio.

1.1. DEFINIÇÃO DO TIPO DE PESQUISA

Estabelecem-se para esta investigação a modalidade de pesquisa qualitativa desenvolvida por meio de estudo bibliográfico da área de análise e interpretação de texto, com enfoque nas inferências lingüísticas sob a ótica da sociolingüística.

Buscou-se o respaldo teórico de autores da área de cognição, discurso, retórica, sociologia e sociolingüística, em uma tentativa de estabelecer um diálogo entre eles com o fim de se perceber um ponto de equilíbrio e cooperação entre essas áreas que são imbricadas.

1.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A hipótese deste trabalho é oriunda da observação empírica do autor de que as inferências possuem força persuasiva para veladamente, retratar, reforçar e estabelecer comportamentos sociais oportunizando a possível manipulação desses comportamentos.

Para se verificar a pertinência e cientificidade desta hipótese, após o estudo bibliográfico proposto pelos professores e orientador deste trabalho, bem como pelo próprio autor, procurou-se filtrar, dos teóricos, as considerações e conclusões de pesquisa pertinentes a técnicas de retórica aplicadas para persuasão desde a formação sociológica primária dos indivíduos, isto é, a formação social do indivíduo na família.

Assim, construiu-se o arcabouço teórico contido no título *Inferências: a força persuasiva do dito pelo não dito no estabelecimento de comportamentos sociais*, a ser aplicado nas análises dos textos do *corpus* escolhido.

Dessa forma, após a análise do *corpus*, pretende-se verificar a procedência da hipótese deste trabalho. O tema restringir-se-á ao aspecto da influência das inferências de humor no retrato, reforço e estabelecimento de comportamentos sociais por meio de textos de ampla circulação.

1.2.1 Definição do *corpus*

A constituição do *corpus* deste trabalho se fez por meio de textos, charges, propagandas e música cujo teor inferencial presente é submetido à análise respaldada nas bases teóricas estudadas.

Neste trabalho, emprega-se o termo *texto* em seu sentido lato tomado como “qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, seja poema, música, pintura, filme, escultura, etc., isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um conjunto de signos” conforme Koch e Fávero (1988, p.25).

A seleção e delimitação do *corpus* restringiram-se a duas charges dos cartunistas premiados: Antônio Amâncio de Oliveira Filho, do jornal *Diário do Norte*, com a charge *Dengue versus violência*, e Lézio Junior do *Diário da Região* com a charge *O mosquito na praia*. Estas duas charges enquadram-se na temática de saúde

pública no que concerne à epidemia de dengue ocorrida no Rio de Janeiro e em outras partes do Brasil, cuja gravidade teve repercussão notória em todo o país nos primeiros meses de 2008, e apresentam humor acionado por meio de inferências.

Somadas a estas charges coletadas dos sites da rede mundial de computadores, incluíram-se duas propagandas do livro de Vitor Marx (2007) *As impublicáveis pérolas da propaganda agora publicadas* com as temáticas de saúde pública, quanto à doação de sangue e comportamento verbal feminino na página 75 e 125, respectivamente.

Esse livro foi escolhido porque a técnica empregada para sua produção é denominada de *brainstorm*. Esta técnica estimula a mente a gerar um grande número de idéias criativas que acionam inferências, sem a interferência de julgamentos críticos concomitantes, oriundos de vários tipos de censura sobre o humor baseado em situações exóticas e/ou politicamente incorretas, favorecendo a percepção mais nua das construções inferenciais no que concerne à revelação do imaginário social velado.

Os outros textos que compõem o presente *corpus* classificam-se quanto ao tipo de inferência principal que remetem ao tema *mulher e seu retrato social* no que concerne à sexualidade e a atração erótica que manifesta. Para tanto, selecionou-se o texto *Sexo na carta* coletado do site www.bacаниnha.com.br, a letra da música de Rio Negro e Solimões *A garagem da vizinha* e a propaganda das sandálias havaianas com Juliana Paes, veiculada pelas redes de televisão aberta no ano de 2008.

1.3. OBJETIVOS

Os objetivos que se seguem foram definidos a partir da observação de textos dos mais variados tipos que o autor/autores comunica muito mais que o próprio texto em si.

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é estimar a produção dos processos de inferenciação produzida na leitura, capaz de retratar, reforçar e estabelecer comportamentos sociais.

1.3.2 Objetivos específicos

Pretende-se avaliar os princípios que constituem a composição de textos com inferências acionadas pelas relações sócio-culturais do leitor com os textos de ampla circulação, tais como, charges, músicas e propagandas. Também observar como a produção de inferências articula a formação da opinião de massa e dos comportamentos sociais.

1.4 JUSTIFICATIVA

As questões relativas ao fenômeno dos processos inferenciais e a suposta manipulação desses processos na tentativa de persuadir a opinião coletiva e individual arqueiam esta pesquisa. Se o universo inferencial retrata, reforça e impõe comportamentos sociais de forma sub-reptícia, então sua manipulação pode instilar veladamente silhuetas ideológicas adversas quase que anulando o arbítrio da individualidade. Tal fenômeno demanda investigação científica, pois há pouca pesquisa referente a este assunto.

Seria possível a manipulação do imaginário coletivo, implantado desde a primeira socialização, na criação de condições favoráveis ao acionamento de inferências

pretendidas pelo autor, como que estabelecendo ligações por meio de dedução do interlocutor?

Há indícios de que a manipulação da disposição dos aprendizados e conceitos sociais pode prever o tipo de inferência principal a ser gerada na mente do interlocutor, de forma tão tácita que, essa inferência seja argumentativa. Isso acontece na medida em que a inferência é aceita como oriunda do próprio pensamento do indivíduo que infere, portanto, livre dos filtros de questionamentos e contra-argumentação.

O fato acima suposto, por si só, já se caracteriza como uma força persuasiva, que desconsidera as liberdades individuais e se torna um meio de domínio ditatorial da opinião pública. Portanto, o estudo de *Inferências: a força persuasiva do dito pelo não dito no estabelecimento de comportamentos sociais* pretende, ainda que minimamente, contribuir com a sociedade em sua fuga da manipulação por meio da prevenção contra os estratagemas condicionantes e alienadores velados nos textos.

Bueno (1974) decompõe o vocábulo *argumento* até explicitar o primitivo lexical *argus* que provém do radical grego *argos*. Segundo a mitologia, Argos era o nome do construtor de um barco da expedição de Jasão. Argos possuía cem olhos e, entre eles, dois dormiam enquanto os outros noventa e oito vigiavam a personagem Ino.

O termo *argos* é uma metáfora que se cristalizou na semântica para conotar esperteza, vigilância e penetração intelectual e ainda permeia todos os derivados desse radical presente nas palavras *argúcia* e *arguto*, as quais originaram o vocábulo *argumentum* cujo significado é *prova, documentação e raciocínio*, bem como o verbo *argumentare* que indica a ação de discutir, raciocinar, deduzir e apresentar provas.

Nessa perspectiva, cumpre observar que não há argumentação sem o uso da linguagem. Assim, os elementos integrantes da argumentação denominados por Aristóteles como *logos, pathos e ethos* para representar as funções retóricas de

raciocínio lógico, jogo com as paixões e credibilidade do orador respectivamente, põem em operação um sistema psíquico que amalgama o conhecimento verbal e a capacidade de abstração na formação e ou sustentação de conceitos.

CAPÍTULO 2

REFERENCIAL TEÓRICO

“Felix qui potuit rerum cognoscere causa.” Concorde à declaração de Públio Virgílio Marão (70 a.C - 15 a.C) de que é “ feliz aquele que chega a conhecer a causa das coisas” (GEÓRGICA), o pesquisador, conforme o perfil de seus estudos, precisa se preocupar com a origem do fenômeno alvo de sua investigação, bem como, os fatores que afetam esse fenômeno.

Seguida a busca de tais origens, compete avaliar as relações e impacto sociais que dão relevância à referida pesquisa, com o fim de encontrar possíveis atenuantes ao problema chave em questão.

Neste capítulo, ver-se-á uma breve exposição da relação entre a inferência e a origem da escrita, tendo-se em vista que, o processo de produção textual na história tem se dado por meio de um longo processo de inter-relações entre o significado e a sociedade e as bases teóricas que fundamentam esta pesquisa e as análises realizadas.

2.1 O CONCEITO DE INFERÊNCIA

As inferências são uma esfera sublime da linguagem. Goffman (2002) afirma que as inferências estão imbricadas na comunicação da vida cotidiana:

É também sumamente importante que compreendamos que, na verdade, na existência cotidiana não dirigimos nossas vidas, tomamos nossas decisões ou alcançamos metas, nem de maneira estatística nem de maneira científica. Vivemos de inferências. Suponhamos que eu seja, por exemplo, seu hóspede. O senhor não sabe, nem pode determinar cientificamente se vou roubar seu dinheiro ou seus talheres. Mas, por inferência, não farei tais coisas, e, por

inferência, o senhor me receberá como hóspede.(GOFFMAN, 2002. p. 13).

A definição clássica de inferência é, segundo Holanda (2001), “deduzir pelo raciocínio.”

Para Fiorin (2006, p. 168) alguns enunciados têm a propriedade de implicar outros. E dá os seguintes exemplos: “Quando se diz João é meu sobrinho, esse enunciado implica sou tio de João; quando se afirma se tivesse chovido, não haveria falta de energia, essa afirmação implica que não choveu e há falta de energia”.

Beaugrande e Dressler (*apud* Koch & Travaglia, 1989, p.70) expressam que inferência “consiste em suprir conceitos e relações razoáveis para preencher lacunas e descontinuidades de um mundo textual.”

Haja vista essa necessidade de se estabelecer relações de significado, Peirce (2005, p. 272) manifesta que “tudo aquilo que for totalmente incomparável a alguma outra coisa é totalmente inexplicável porque a explicação consiste em colocar as coisas sob leis gerais ou sob classes naturais.”

Assim, Peirce (2005) acredita que o significado consiste num sistema de representações associativas a ele familiares, quando afirma que:

Finalmente, nenhum pensamento presente concreto tem significado algum, valor intelectual algum, pois estes residem não naquilo que é realmente pensado mas naquilo a que este pensamento pode ser conectado numa representação através de pensamentos subseqüentes de forma que o significado de um pensamento é, ao mesmo tempo, algo virtual. (PEIRCE, 2005, p.272).

Lakoff & Johnson(2002, p. 45) corroboram essa idéia quando sustentam que “não somente a linguagem, mas todo o sistema conceitual do pensamento humano é metafórico, isto é, representativo” e afirmam que “nosso sistema conceitual ordinário,

em termos do qual não somente pensamos, mas agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”.

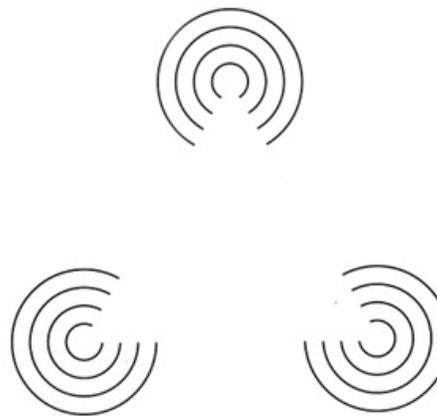
Smith (1989, p. 266) afirma que “vivemos em um mundo que o cérebro cria, em vez de, em algum mundo concreto que existe independentemente de nós.”

Para tanto, a mente humana é um platô fotográfico que, além de capturar e armazenar os milhares de dados do ambiente, constrói também, novas informações que possibilitam as inferências.

Um dos mais importantes recursos do cérebro humano é sua capacidade de fazer essas conexões com propósito de gerar cognição. Não resta dúvida que tal capacidade viabiliza a significação do mundo, e que pode ser exemplificado pelo exemplo abaixo.

No exemplo abaixo, apresenta-se a figura A conhecida como triângulo de Kaniza¹ para demonstrar como o cérebro faz inferências inserindo a imagem de um triângulo onde ele não existe de fato. O cérebro preenche a informação que falta segundo o modelo que lhe é conhecido.

FIGURA A – Triângulo de Kaniza



Extraído do site <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/03/13.shtml>

¹ Figura que recebe o nome do psicólogo italiano Gaetano Kaniza, que primeiro o descreveu.

Koch (1989, p. 70) entende inferência basicamente como “aquilo que se usa para estabelecer uma relação não explícita no texto entre dois elementos desse texto.”

Quanto ao estabelecimento dessas relações não explícitas, Sperber & Wilson (2001, p.41) consideram que há convergência entre os pragmaticistas em geral concernente à compreensão como fruto de um processo inferencial. Contudo, não se pode relevar que a compreensão é variável de indivíduo para indivíduo.

2.2 LEITURA: INFERÊNCIAS MÚLTIPLAS

Os avançados estudos da Física no campo da ótica humana revelam que um mesmo objeto, se observado de ângulos diferentes, produzirá impressões diferentes. É conhecido pelos estudiosos da psicologia cognitivista um quadro bi cromático que funde a imagem de uma mulher idosa encapuzada até a metade da face, com a silhueta de uma jovem que fita o horizonte. Visto por um grupo misto de pessoas, esse quadro provoca, segundo idade, sexo, cultura e geografia, diversidade de percepções. Portanto, também no uso da linguagem, a variedade de percepções que podem surgir sobre um só assunto está atrelada à carga conceitual oriunda da sociedade, educação e costumes.

Decorre daí que há multiplicidade de leituras plausíveis conforme o conhecimento de mundo do leitor e seu contexto sócio-cultural. O que bem pode ser verificado na fábula *o beija-flor e o urubu* de Viriato Correa. Nessa fábula, relata-se que um beija flor invejava o urubu, pois voava nas alturas. Certa feita, convidou-o para um jantar especial. Tendo oferecido as melhores flores de seu jardim, nenhuma agradou ao urubu. Mas, surpreende-se quando vê o urubu a deleitar-se com a carniça em putrefação de um burro que morrera nas imediações do jardim. Na leitura de pássaro, saboroso é um jantar de néctar, mas não na leitura de urubu.

Compreende-se então, que o leitor gera inferências durante a leitura acionadas em conformidade com seus juízos de valor, isto é, a significação do texto relaciona-se diretamente com a gama de experiências vivenciadas pelo leitor. Nenhum texto é de sentido único. Verifique-se que, principalmente em um sinal de trânsito como na figura (B) sua importância se dá na medida em que comunique um alerta, em princípio, de sentido único, convencionado como: *proibido virar a direita*. Entretanto, múltiplas leituras podem ocorrer de acordo com o motorista, tais quais: *não vire à direita quando o guarda estiver olhando, vire à esquerda, siga em frente, volte, permitido virar à direita quando houver pressa, etc.*

FIGURA B – Placa de trânsito



TR-6

Extraída do site www.montezulplacas.com.br

Soares (1988, p.18-29) declina que o sentido não reside só no texto, pois os conhecimentos individuais afetam decisivamente a compreensão. Isto é, o texto se torna significativo na medida em que produz interação com o leitor por meio do contexto sócio-cultural e das experiências vivenciadas desse indivíduo. Com efeito, a palavra *pão* será entendida pelo interlocutor segundo seus pontos-de-vista, costumes, experiências, e imaginário. Por exemplo, alguém pode imaginar um *pão* francês, ou um *pão* baguete. Crianças podem entender *pão* como um *pão*-doce, *pão*-de-ló. Uma adolescente nos anos 70 pensaria em um galã de novela, - isto é, um artista era um *pão* se fosse de boa aparência. Um filho contrariado poderia entender que o pai é um *pão*-duro por não dar-

lhe algum dinheiro. Ainda é bem possível que nenhuma dessas acepções seja a pretendida pelo emissor.

É por essa razão que Sperber & Wilson (2001, p.39) expõem que “é deixada ao ouvinte uma certa latitude de interpretação que ele por sua vez tem que resolver baseando-se em informações não lingüísticas” ou inferenciais.

2.3 INFERÊNCIAS ACIONADAS E INFERÊNCIAS VELADAS

Foi Grice (1972) quem primeiro propôs um modelo inferencial para a comunicação, sob a premissa de que a interpretação advém de evidências ou pistas, que acionam inferências fornecidas por meio também do processo de codificação-decodificação.

Sperber & Wilson (2001, p.31 e 58) declaram que a “mensagem é um pensamento numa associação de pensamentos aos sons,” e que, segundo o modelo inferencial, “a comunicação é feita pela pessoa que comunica ao fornecer uma evidência de suas intenções, e pelo ouvinte a inferir as intenções dele a partir dessa evidência,” todavia, os autores falam também em uma comunicação “puramente inferencial” e a exemplificam com a peça de Shakespeare *Romeu e Julieta* onde um lenço é colocado na sacada do quarto de Julieta para fazer Romeu inferir que ele poderia subir.

Em paralelo a essa comunicação puramente inferencial, ocorre o que os mesmos autores denominam de *ostensão*. Para eles, “a comunicação inferencial ostensiva consiste em tornar manifesto a um receptor, a intenção de se tornar manifesto em nível básico de informação.” (SPERBER & WILSON, 2001, p.100). Isto é, o interlocutor quer mostrar que está mostrando uma intenção comunicativa, esse fenômeno é chamado por Reder (*apud* DELL’ISOLLA, 2001, p.58) de “inferências obrigatórias” e por Clarck (IDEM, p.58) de “inferências autorizadas.”

Há, no entanto, inferências cujo propósito é diverso da “ostensão”. Trata-se do processo de inferências com propósitos de ocultação ou mascaramento das verdadeiras intenções comunicativas diante do interlocutor ou de outros presentes. Ainda evocando a metáfora de que “a linguagem é a roupa dos pensamentos,” constata-se que as crianças em geral, são, em suas “roupas” lingüísticas, simples, transparentes e, por vezes nuas. Mas, nenhum adulto, em são estado de consciência, em circunstâncias normais, andaria nu pelas ruas de uma cidade. Analogamente, não é conveniente ao pensamento apresentar-se sempre *despido*, pois arcaria com as conseqüências da transgressão das normas do pudor.

Observe-se o quadro abaixo que evidencia como a linguagem pode velar certas inferências.

FIGURA C – Exemplo de inferências veladas e ostensivas

Informações ostensivas	Inferências veladas	Inferências acionadas
<ol style="list-style-type: none"> 1. - Quero beber água. 2. - Quero fazer xixi. 3. - Quero comer isso. 4. - Você está mentindo. Eu não acredito em você. 5. - Você quer roubar meu dinheiro 	<ol style="list-style-type: none"> 1. - Hoje está fazendo muito calor, não é mesmo? 2. - Há algum toailete por aqui ? 3. - Que cheirinho bom! Isso me dá água na boca... 4. - Olha só minha cara de que estou acreditando... Me engana que eu gosto... 5. - ...ah! por favor, me traga uma nota fiscal por causa da contabilidade. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. - Estou com sede. 2. - Preciso urinar. 3. - Estou com fome./ Isso parece gostoso. 4. - Você não pode me enganar. 5. - Eu não confio em você

Quadro elaborado pelo autor

As inferências podem também ser acionadas na incompletude do discurso, como mencionam Sperber e Wilson (2001, p. 72): “ As inferências tornam o pensamento completo por meio de representação incompleta.” Com o propósito de

esclarecer melhor essa idéia, emprega-se a conversação telefônica registrada em Ângelo (1979) no exemplo 1:

EXEMPLO 1

“()”

‘Mas eu não agüento mais, Heitor. Eu ontem te escrevi uma carta contando minha situação, você vai entender.’

“()”

‘Tudo. Coisas que não dá pra explicar no telefone. Heitor, eu estou desesperada aqui, Heitor, não sei o que que eu faço.’

“()”

‘Já, já tomei tudo, Heitor. Não tem mais dúvida. E tem mais: tem mais de uma semana que eu estou enjoando sem parar, desesperada, sem conseguir falar com você. Por isso que eu te escrevi ontem, não sabia se ia te encontrar. Que que eu faço, Heitor?’

“()”

‘Eu sei muito bem que não sou nenhuma criança. Não precisa ser desagradável.’

“()”

‘Como não foi essa a intenção. Eu estou começando a te conhecer.’

“()”

‘Já perguntei. Aqui não tem ninguém que faz isso, Heitor. Eu estava tão desesperada esses dias que falei com uma colega minha. Ela também não sabe nada, diz que aqui em Campos não tem, nunca ouviu falar.’ (ÂNGELO, 1979, pp. 69-72)

Note-se que, em nenhum momento, é mencionada explicitamente a palavra *grávida* ou *aborto*, além de que, todas as falas de Heitor são veladas, mas as pistas como *estou enjoando sem parar* e outras prenunciam que se trata dessa questão. Por inferências chega-se a ilação de que Heitor tenta esquivar-se das responsabilidades de futuro pai e sugere a prática de aborto.

Nessa perspectiva, Dell’Isola (2001, p. 44) conceitua inferência como “um processo cognitivo que gera uma informação nova a partir de uma informação semântica anterior em determinado contexto.”

2.4 PANORAMA DIACRÔNICO DA RELAÇÃO ENTRE ESCRITA E INFERÊNCIA

Em maior ou menor grau, desde o início do desenvolvimento da escrita, a necessidade de inferir para que haja significação tem sempre sido inevitável.

Enquanto ainda não apto a escrever, o homem primitivo relatava sua cultura e eventos sociais armazenados na memória, por meio da tradição oral, e segundo Diringer (1982, p. 15), possuía dotes excepcionais de memória para aprender e apreender o que fora comunicado.

O conhecimento era transmitido de pais para filhos e por contadores de histórias no decorrer de sucessivas gerações. Canções, sons, objetos, gestos e desenhos eram usados como instrumentos mnemônicos para o relato de épicos da tribo, de forma que, antes do surgimento da história escrita, o homem empreendia a própria educação e dos filhos pela recitação de aventuras e tradições mantidas na memória.

No entanto, com o avolumar-se das informações e declínio das capacidades de memorização, os conceitos de exatidão, originalidade e fonte ofuscavam-se ou feneciam em si mesmos.

Decorria que, somavam-se ou omitiam-se trechos dos episódios relatados, distanciando-os cada vez mais da versão original. A partir daí, notou-se a necessidade de um instrumento capaz de registrar o conhecimento de forma permanente.

Um grande número de recursos mnemônicos, como símbolos e marcas, eram empregados na comunicação e mesmo necessitando da “interpretação do mensageiro podem ser considerados um estágio preliminar da escrita” (DIRINGER, 1982, p. 17).

Jean (1987, p. 12) sustenta que “o processo começou na antiga Mesopotâmia, a região entre os rios Tigre e Eufrates,” pois os primeiros registros

encontrados em tabletes de argila em Uruk, datando do quarto milênio a.C., são organizados em colunas, listando objetos feitos de madeira. Outros tabletes, ele afirma, “continham informações sobre a estrutura social dos sumérios”.

A escrita cuneiforme se constituía de desenhos pictográficos registrados em tabletes de argila por meio de cunhas (do latim *cuneus*) feitas com varetas de madeira. Chama-se de *pictográfica* a primeira fase do desenvolvimento da escrita na qual, “cada sinal referia-se a um objeto ou entidade em particular”. (JEAN, 1987, p. 14). Por exemplo, duas linhas cruzadas significariam inimizade, enquanto que linhas paralelas infeririam amizade. Um triângulo púbio, representaria uma mulher, e o pictograma cabeça de boi indicaria um boi.

Diringer (1982, p. 19) revela que o pictograma era uma impressão estática e “representava os objetos em estado imóvel: o desenho de um animal representaria o animal, e, por exemplo, um círculo poderia representar o sol”.

Segundo Pinker (1998), o cérebro humano é dotado de peculiaridades aparentemente simples como enxergar, andar, segurar objetos de diversas formas e consistências, pensar, etc., mas que são de fato competências por demais complexas. Segundo ele, “a razão de não haver robôs semelhantes aos humanos decorre de que os problemas de engenharia resolvidos nas operações mencionadas acima são mais complexos que chegar à lua ou mapear o genoma humano”.

Para esclarecer como o cérebro reconhece objetos, imagens, rostos, etc. com o propósito de poder denominá-los, Pinker (1998) defende a idéia do construto neural chamado de *gabarito* ou *molde*. Também afirma que “o cérebro duplica a silhueta de cada objeto e cunha-lhes gabaritos.”

Quando uma imagem é projetada na retina, o cérebro procura o gabarito padrão a que ela pertence e ajusta-a ao cognoscível. Porém lembra que esse mecanismo, desprovido de outras competências mentais, oferece diversos problemas, como por

exemplo, a identificação equivocada da imagem ou do gabarito. A demonstração desse problema dá-se quando uma imagem encaixa-se no gabarito errado, como por exemplo, a letra *R* e a letra *A*, encaixam-se no gabarito da letra *P*.

Para tanto, “o cérebro humano possui a competência de assimilar uma enorme quantidade de pequenas variações por meio de um reconhecedor altamente especializado. Ele mantém um registro detalhado da forma de cada face conhecida, imagem, letra, cena, instrumento, etc., e este registro, de alguma forma, é capaz de ajustar-se à imagem projetada pela retina ainda que distorcida, inclinada, disfarçada ou alterada.

Segundo ele, “o mundo que se projeta ante os olhos humanos é um mosaico ou uma colcha de minúsculos retalhos sombreados cuja percepção das bordas e fronteiras multidimensionais, assim como as lacunas e espaços vazios interpostos às imagens, exigem operações mentais de alta especificidade.”

Usando essa aptidão de estabelecer a relação entre o gráfico e a idéia, intimamente relacionada especialmente com essa fase do desenvolvimento da escrita, chamada aqui de *inferência*, a escrita se tornou possível.

2.4.1 A escrita ideográfica e a inferência

Não é possível descartar a contribuição egípcia para o desenvolvimento de uma escrita ancestral à alfabética. O Egito é uma nação de cinco mil anos de idade. Sua aparência política projeta-se no mapa como um delta invertido ligado ao rio Nilo. Nos períodos de chuva, o rio Nilo transbordava provocando uma inundação. Após o retorno das águas às margens naturais, a área que estivera inundada se tornava excelente para atividades agrícolas. Crescia ali um vegetal típico da região chamado de papiro – uma planta cujo talo cilíndrico é similar ao da mamona – e descobriu-se que estes talos

colhidos e dispostos um ao lado do outro em forma de jangada e sobrepostos por outro feixe de talos em posição transversal, quando esmagados sobre uma pedra plana e secos ao sol, tornavam-se uma superfície sobre a qual se poderia desenhar pictogramas com tinta vegetal ou entomológica.

Com o passar do tempo, os pictogramas eram combinados com o intuito de expressar uma idéia, assim, surgiu a etapa denominada de ideográfica, isto é, uma ave ao lado de um ovo traria a inferência de fertilidade. Em analogia ao sistema ideográfico, poder-se-ia tecer o exemplo da figura abaixo onde o “o”, o “b” e o “O” sejam pictogramas para transmitir a mensagem: *os pequenos obedecem aos grandes*.

FIGURA D – Exemplo de escrita ideográfica

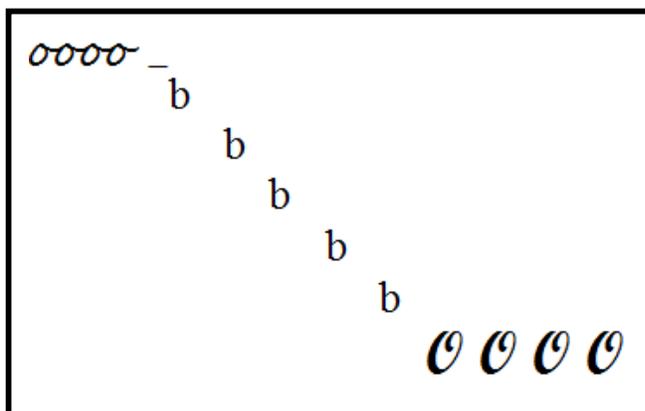


Figura feita pelo autor

No entanto, conforme bem focaliza Fischer,

A leitura envolvia a união lógica de fragmentos de informação, sem a reconstituição do discurso articulado. Embora as leituras mais antigas fossem talvez de escrita incompleta, mas, todavia leituras completas. Ao contrário da escrita, a leitura não pressupõe linguagem: a leitura é, antes de mais nada visual (não oral) e conceitual (não lingüística). (FISCHER, 2006, p. 16).

2.4.2 O princípio da acrofonia e a inferência

Usar um sistema pictográfico ou ideográfico com cerca de dezoito mil pictogramas e mais um incontável número de modificadores, tornava a atividade do escriba bastante prestigiada. Houve uma simplificação nos pictogramas egípcios a um sistema essencialmente silábico. Portanto, na escrita hieroglífica ou sagrada do Egito operou-se um sistema denominado de acrofonia (som inicial) isto é, empregava-se o pictograma para representar o primeiro fonema ou sílaba da palavra. Esse sistema abriu a possibilidade de uma escrita alfabética.

Healey (1993, p. 17) declara que “suspeita-se que os semitas, especialmente os palestinos são os candidatos mais evidentes a patronos da escrita silábica, embora a importância da costa fenícia sugira que a região desempenhou um papel da maior importância nesse processo. Portanto, o Egito inspirou as bases para invenção do alfabeto, mas não o inventou.

Em conformidade com Diringer (1982, p.107), os arqueólogos Claude F.A. Schaeffer, G. Chenet e Virolleaud descobriram nas escavações de Ras esh Shamra sobre Ugarite, próximo ao mar Mediterrâneo na costa da Síria, os tabletas de Ugarite datados do 15º. Século a. C. que, decifradas exaustivamente pelos professores de História Antiga E. Dhorme, Dussand, Charles Virolleaud, Hans Bauer e Nougayrol, revelaram as vinte e oito letras do alfabeto fenício, dos quais, vinte e seis eram consoantes. Semelhantemente ao fenício, o hebraico antigo não possuía vogais em seu alfabeto. Isto gerava sérios equívocos na leitura como aconteceria também com o vocábulo “pnt” em português. Destituído de vogais, poderia significar: aponta, aponte, aponto, panta, pante, panteão, penates, penta, pente, pinote, pinte, pinto, poenta, ponta, pontão, ponte, ponta, pontua e pontuo.

Os gregos sanaram as dificuldades de homonímia, introduzindo o uso de símbolos fenícios convencionados para a função de vogais no alfabeto.

A palavra *alfabeto* tem sua gênese na justaposição das letras gregas α (alpha) e β (beta) oriundas dos pictogramas que representam respectivamente boi e casa.

O símbolo Fenício  ou  representava um *aleph* ou boi naquela língua.

Em um processo denominado *acrofonia*, tomou-se essa marca pictórica para representar apenas o fonema inicial dessa iconografia. Estabelecido esse princípio proto-silábico, as múltiplas possibilidades combinatórias dos fonogramas criaram condições favoráveis à percepção mais clara da leitura. Por exemplo, em inglês, o desenho de uma abelha, (bee) ao lado de uma folha de árvore (leaf), significaria crença, i.e. belief.

Com o tempo, o pictograma  inclinou-se 90 graus à direita e surgiu o “ α ” mantendo a representação do fonema [a], i.e., o acrofone de *aleph*.

A cultura romana toma o “ α ” e extrai-lhe o chifre superior forjando sua própria letra designadora desse fonema. “a”. Note-se que até hoje, para representar o fonema [a], ainda se resgata o pictograma fenício *aleph*.

Cada uma das letras do alfabeto grego e, conseqüentemente do romano, passou por um longo processo de desenvolvimento a partir de signos semitas como descrito acima.

Diringer assevera que:

Foi um longo percurso desde os primitivos pictogramas até o alfabeto. Não havia, a princípio, ligação entre o símbolo desenhado e o termo sonoro a ele designado; o alfabeto, no entanto, tornou-se o complemento gráfico da fala. De fato, cada elemento (que pode ter qualquer forma) na escrita fonética corresponde a um elemento específico (i.e. fonema) na língua a ser representada. Assim, estabeleceu-se uma relação direta entre a língua falada (i.e. fala) e

a escrita, sendo esta, uma representação daquela. (DIRINGER, 1982, p. 73).²

Healey (1993, p. 36) apóia a idéia de que “as similaridades entre os escritos gregos, incluindo o uso de certas letras para representar vogais, indicam uma origem comum”.

De forma semelhante, o princípio acrofônico não explica a origem de todas as letras, mas boa parte delas são claras como por exemplo o *a* oriundo de *aleph* ou boi. Encontra-se o *bet* ou casa originando a letra *b*. ≈≈≈ – mayyuma – água originando a letra *m*.  -nahasu - para cobra que gerou a letra *n*.

A letra *h* não representa uma vogal, nem uma consoante, pois ela é um vestígio etimológico do sinal gráfico grego chamado espírito forte. Sua aparência e dimensões eram semelhantes a um “c” sobrescrito, ligeiramente esguio ^(c) cuja função era determinar a aspiração gutural das vogais iniciais de algumas palavras.

Essa aspiração não feneceu em muitas palavras da língua inglesa como: *hacker, hammer, hand, hair, half, happy, heart, help, home, husband, honest, horse, Hunter, hydrogen* e em tantas outras, porém, em português, é apenas uma letra muda.

Note-se que a letra *h* na palavra *homem* evidencia sua descendência do vocábulo grego *άνθρωπος* – antropós, presente como radical das palavras *antropologia, antropofagia, antropóide, etc.*

A escrita é uma convenção e, portanto depende de conhecimento sociológico, enciclopédico e contextual prévios para acionar inferências e gerar significado.

Conforme visto, a relação entre imagem e palavra é íntima em todo o desenvolvimento da escrita e ocorre somente mediante uso de inferências. Pode-se, pois,

² “It was a long way from the primitive picture-writing to the alphabet. In the former there is no connection between the depicted symbol and the spoken name for it; the latter has become the graphic counterpart of speech. Indeed, each element (which may be any shape) in the phonetic writing corresponds to a specific element (i.e. sound) in the language to be represented, thus, a direct relationship has been established between the spoken language (i.e. speech) and the script, the latter being a representation of the former.” (DIRINGER, 1982, P.73)

verificar que há inferências em todo tipo de linguagem, inclusive na formação do próprio alfabeto latino, bem como em textos de maior complexidade como os que serão analisados no capítulo 3.

2.5 LINGUAGEM E SOCIEDADE

A linguagem é uma forma de exteriorizar o pensamento, no entanto, é também uma máscara que eufemiza ou amplia as reais intenções do emissor revestindo-as com fachadas.

Por meio da linguagem, o atento receptor obtém instrumentos capazes de desnudar a representação do pensamento e pode, muitas vezes, interpretar as intenções do falante implícitas nas entrelinhas do discurso.

Para tanto, no processo interpretativo é fundamental despir o pensamento de sua roupagem lingüística, pois, freqüentemente, a mensagem vem disfarçada intencional ou inconscientemente na tentativa de inserir fachadas nos atores sociais. Ler inferências é a fronteira bem definida de dois pontos nefrálgicos: enxergar o implícito e quebrar a inércia, pois, conforme assevera Sapir (*apud* TRIPICCHIO, 2004, p. 187): “a língua nos precede” e “é uma ilusão imaginar que alguém se ajuste à realidade essencialmente sem o uso da linguagem, (...) o mundo real é, em grande extensão, construído inconscientemente nos hábitos de linguagem de diferentes grupos sociais”.

No prisma estruturalista, o escopo de uma resposta deve encaixar-se na estrutura da respectiva pergunta e não na sua inferência comunicativa, isto é, a linguagem deve encarrilhar-se como no exemplo (1):

Exemplo 2³

2a. *Você gosta de tomar café depois do almoço?*

2b. *Sim, eu gosto de tomar café depois do almoço.*

Note-se o empobrecimento comunicativo do exemplo (2b). A resposta, embora satisfaça logicamente a pergunta (2a), em seu aspecto comunicativo causa estranheza e oportuniza uma interpretação inferencial acintosa e hostil ou zombeteira. Assim, reparem-se as possibilidades de réplica fruto de inferenciação:

2a. *Você gosta de tomar café depois do almoço?*

2c. *Eu não gosto de café.*

2d. *Eu nunca almoço.*

2e. *Sim, aceito. Obrigado.*

2f. *Não. Só pela manhã.*

2g. *Eu parei de fumar.*

2h. *Sou brasileiro.*

2i. *Sofro de gastrite.*

Em 2c, o interlocutor faz inferir que não toma café em nenhum momento pois não gosta de café. No entanto, em 2d, a justificativa para não tomar café após o almoço não decorre de gostar ou não de café, mas dado o motivo do interlocutor de não almoçar.

Diferentemente, em 2e, a pergunta faz inferir um oferecimento de café, que é aceito pelo interlocutor. No exemplo 2g depende-se fortemente de percepção inferencial para a coerência da resposta. Decorrente do conhecimento partilhado de que o café desperta o desejo de fumar dadas suas propriedades palatinas que rememoram a nicotina, a elocução: *parei de fumar* implica que, embora aprecie café, o interlocutor também parou de tomar café para facilitar sua abstinência do tabaco.

No exemplo 2h, parte-se do conhecimento de que o Brasil é, não só um grande produtor, bem como exportador de café, para fazer inferir que esse produto é também necessariamente consumido por aqueles que sejam brasileiros.

³ Exemplo elaborado pelo autor deste trabalho

Por fim, no exemplo 2i, a inferência ocorre em função de uma dedução de causa e consequência, porque o café irrita as mucosas estomacais, conhecimento recuperado do conhecimento enciclopédico, portanto, a despeito de gostar ou não de café, o interlocutor priva-se de bebê-lo para não sentir dor oriunda da gastrite.

Todas as respostas acima evocam a competência e habilidade de entendimento do significado das estrelinhas da pergunta. Portanto, procedentes de uma esfera mais profunda de coerência que simplesmente a frase em si, isto é, o significado localiza-se em nível mais profundo que na superfície frasal e depende de conhecimentos sociais convencionados.

Ide (1995) relata um episódio que demonstra que, de um prisma estruturalista, a resposta dos interlocutores passa a ser ilógica:

Um cartaz nos muros de Paris representava o Sr. Calonne, Ministro das Finanças daquele país, cercado de contribuintes e dizendo a eles: “Eu os reuni para perguntar com que tempero vocês querem ser devorados”. “Mas não queremos ser devorados”, eles respondiam. “Vocês não estão respondendo à questão”, concluía o ministro. (IDE, 1995, p.36)

Calvet (2002) situa o estruturalismo e a sociolingüística em pólos opostos:

O Estruturalismo na Lingüística foi construído portanto, sobre a recusa em levar em consideração o que existe de social na língua.(...) a Sociolingüística (...) teve de tomar sentido inverso dessas posições, isto é, as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes. (CALVET, 2002, p. 12)

Embora pareça que a gramática e a pragmática posicionam-se em *fronts* antagônicos, uma análise não passional do assunto revelará que os objetivos gerais de ambas convergem em maior ou menor grau para a comunicação. Isto é, o Estruturalismo crê que o rigor do formalismo é que viabiliza a comunicação, enquanto que a Pragmática valoriza o contexto e as inferências como elementos que justificam as estruturas lingüísticas.

Assim, embora tenha trazido grandes contribuições, Bloomfield (1933) equivocou-se ao afirmar que estudar a linguagem delimita-se à dimensão semiótica oral: “(...) na fala humana, sons diferentes têm significados diferentes. Estudar esta coordenação de certos sons com certos significados é estudar a linguagem.” (BLOOMFIELD, 1933, p. 27).

Labov (*apud* FIORIN, 1994, p. 150) percebeu a esfera mais profunda da linguagem ao considerar que não é correto centrar-se no que seja “estritamente lingüístico se se quer explicar que forças agem na língua.” Ele afirma que “o modo como a língua está inserida na sociedade deve ser considerado, pois muitos fenômenos aparentemente aleatórios são explicados de forma bastante óbvia.” Também defende Calvet (2002) que a linguagem e a sociedade são inseparáveis, pois as línguas não existem sem as pessoas que as falam.

Conforme Damke (1992), pode-se notar que a linguagem é o resultante do entrelaçamento mútuo da estrutura, do ato ilocutório e da finalidade social.

Damke (1992) declara que “a língua só existe quando dentro de um fato social” o que lhe concede vir à existência, portanto, permite-se implicar que a língua só existe quando em uso:

A língua/linguagem, no seu aspecto social, é o elemento indispensável para a comunicação e interação dos indivíduos dentro de seu grupo. Deduz-se que a língua não existe em si só, não pode, pois, ser definida simples e unicamente como um código de sinais. A língua/linguagem somente existe e se realiza de fato em situações sociais. (DAMKE, 1992, 21)

Embora este trabalho dê maior ênfase à linguagem, a língua também se realiza em situações sociais. Muitos autores empregam estes dois termos como sinônimos, dada a dificuldade de tradução para português do termo *language* do inglês. No entanto, língua e linguagem denominam fenômenos diferentes. Por *língua* lê-se

uma manifestação da linguagem. Para Saussure, “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, 1969, P.17), ou ainda um “conjunto de signos.”

Já, por *linguagem*, Chomsky (1957, p.13) entende como “um conjunto de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos.” Para ele, linguagem é uma capacidade inata do ser humano.

Nessa perspectiva, compreende-se que é impossível à língua/linguagem, dissociada dos contextos sociais nos quais ela está inserida, ser plenamente significativa, pois há uma relação estreita entre a língua/linguagem e o conteúdo social. Por esse motivo, o estudo da linguagem não pode desmembrar-se do estudo social.

Ao tratar da formação de uma identidade cultural na região do *Mercosul*, Savedra (2003) endossa que a língua exerce influência marcante, portanto, a autora também vincula a formação do comportamento social ao aspecto da língua quando declara que “para a definição desta identidade cultural, a questão lingüística desempenha um fator de relevância indiscutível.” (SAVEDRA, 2003, p.42).

Abertamente adepto às idéias de Émile Durkeim, Millet (1921) considerava a língua como fato social.

Émile Durkheim foi inspirado pelo Positivismo de August Comte (1798 – 1857) um dos precursores da Sociologia. A sistematização do pensamento sociológico era o objetivo do Positivismo.

Durkheim (1978) apresenta suas pesquisas com foco nos problemas sociais. Para ele, “a sociedade é um organismo exterior e maior aos indivíduos,” e é responsável pela construção moral e social dos indivíduos através de leis e normas e, estas leis é que determinam seu modo de ser e de agir.

Ao se considerar que a construção moral e social dos indivíduos é transmitida explícita ou implicitamente pela linguagem oral, infere-se que a linguagem influencia as crenças e leis sociais.

Na introdução de seus estudos sobre o processo transformacional da sociedade, Durkheim (idem) descreve formas de relações entre os indivíduos e a coletividade cujo objetivo essencial, segundo ele, é o estabelecimento do consenso harmônico social.

Para tanto, Durkheim (ibidem) conceitua termos como solidariedade mecânica – (obediência cega às normas sociais), solidariedade orgânica - (obediência voluntária oriunda das vantagens dessa conduta) e consciência coletiva – (forma moral que normatiza o comportamento geral dos indivíduos).

Quanto ao pensamento, Durkheim (ibidem) alega que o comportamento mental das pessoas tem uma silhueta moldada pelo que lhes fora ensinado, dessa forma, os fatos sociais - (fenômenos exteriores ao indivíduo passíveis de observação e medição) não podem ser procedentes exclusivamente de fatos psíquicos individuais.

Os fatos sociais têm características como: coerção, portanto alheio à vontade; exterioridade, ou seja, são oriundos de outros fatos sociais, e generalidade, pois são cíclicos, isto é, repetem-se em todos os indivíduos ou na maioria deles.

Nessa linha de pensamento, Durkheim (ibidem) apresenta a escola como agente adestrador dos indivíduos, no sentido de imprimir neles coercitivamente os princípios sociais vigentes.

Ao inserir a palavra coercitivamente, exhibe-se uma ação exterior ao homem, portanto não natural. A educação molda um homem diverso do natural. Sob tal perspectiva, forma-se uma dicotomia sugerida por Durkheim:

O homem que a educação deve realizar em cada um de nós, não é o homem que a natureza fez, mas o homem que a sociedade quer que ele seja; e ela o quer conforme o reclame a sua economia interna, o seu equilíbrio. (DURKHEIM, 1978, p. 115)

A educação é ininterrupta e, ela flui por condutos lingüísticos explícitos ou implícitos, conseqüentemente é possível inferir que a linguagem oral pode participar na determinação do que o indivíduo deve ser, bem como seus preceitos de conduta.

Dessa forma, depreende-se que o ensinamento social ocorre via linguagem.

Para Bakhtin (2000, p. 279), todos os costumes compartilhados e as práticas sociais são transmitidos pela linguagem, isto é, “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua.”

Dessa forma, o modelo estrutural da teoria da comunicação de Jakobson (1969) dá relevância ao campo do contexto. Já Malmberg (1969) aplica esse modelo da informação na comunicação verbal humana ao considerar na representação do código, signos armazenados na mente ou elementos extralingüísticos.

2.6 A LINGUAGEM INFERENCIAL

No modelo estrutural da comunicação de Jakobson, Silva (1972) desmembra o código em sub-códigos denominados de ruídos ideológicos.

Os elementos do universo extralingüístico na comunicação imbricam-se para cristalizar o vasto foco de estudo de três vertentes da lingüística: a sociolingüística, a etnolingüística e a psicolingüística.

Interessa a estas três ramificações da Lingüística descobrir se a linguagem influencia o pensamento e o comportamento de um indivíduo e da sociedade e sistematizar essa influência.

Sperber & Wilson (2001, p.36, 39) alegam que as representações semânticas não são suficientes para o retrato dos pensamentos, pois, segundo eles “ a maior parte das frases pode ser utilizada para transmitir um mundo infinito de pensamentos diferentes.” Além disso, destacam que “ uma elocução que exprime explicitamente um pensamento pode estar implicitamente a transmitir outros.”

É possível exemplificar essa alegação com o seguinte diálogo que ocorreu com o autor deste trabalho:

Exemplo 3⁴

- Parabéns, professor!
- Muito obrigado pela lembrança. Fiquei tão feliz por sua simpatia que vou retribuir a você o carinho...
- Sério?

Nesse momento, o professor bateu duas ou três palmas aos moldes do gênio da fábula de Aladim, e disse:

- Abra cadabra. Sim, sim, salamim. Abra cadabra. Sim, sim, salamim...

O tom de voz era, a princípio, confiante, mas na segunda vez que repetiu a frase, arrefeceu propositalmente representando uma espécie de decepção por nada acontecer. A essa altura já havia platéia atenta, e o professor asseverou:

- Prezada aluna, desculpe. Ou perdi os poderes, ou você nunca foi princesa...

Embora o diálogo pareça amistoso, o contexto evidencia o contrário, pois ocorreu no dia trinta e um de Outubro – dia de *halloween* – e, não era o dia do aniversário do professor, portanto, as congratulações iniciais inferiam que a aluna usou esse recurso para chamar o professor de bruxo. O clichê inoperante de magia proferido pelo interlocutor, tacitamente pretendia discordar da inferência proposta pela aluna e, ao mesmo tempo, propor com a alternativa *ou perdi os poderes ou você nunca foi princesa*, a inferência *ou não sou bruxo ou você sempre teve essa aparência de sapo*.

⁴ Diálogo ocorrido entre o autor deste trabalho e uma aluna da escola onde lecionava.

Portanto esse diálogo apresenta elocuições explícitas diametralmente opostas às elocuições implícitas.

Dessa forma, Sperber & Wilson (2001, p.39) anunciam que a representação semântica da frase “pode ficar aquém de uma interpretação completa de uma elocução dentro de um contexto” e, assim, mostra-se que a linguagem possui uma esfera inferencial.

Portanto, ao se evocarem as palavras de Marcuschi (2007, p. 83) que “ cultura, sociedade e cognição estão na base de toda nossa capacidade de pensar e dizer o mundo,” então as inferências são certamente acionadas mediante o contexto sócio-cultural do indivíduo.

Bourdieu (2005, p. 212) fala sobre inferências como elemento comunicativo que não precisa ser explicitado ou implícito ao usar as expressões :” *esquemas de pensamentos inconscientes*”, “ *internalizações não explicitadas*”, “*afinidades subterrâneas*” e outras sinônimas para exprimir que há na sociedade aprendizados que se impõem sem necessidade de explicitação:

Assim, em cada época de cada sociedade, há uma hierarquia dos objetos de estudo legítimos que consegue impor-se de maneira tanto mais total por não haver necessidade de ser **explicitada** uma vez que ela aparece como se tivesse depositada nos instrumentos de pensamento que os indivíduos recebem no curso de sua aprendizagem intelectual [...]as **afinidades subterrâneas** que unem as obras humanas encontram seu princípio na instituição escolar investida da função de transmitir conscientemente (e também, em certa medida, inconscientemente) o inconsciente, ou melhor, de produzir indivíduos dotados deste sistema de esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados) que constitui sua cultura.” (BOURDIEU, 2005, p. 211-213) (grifo meu).

Enquanto Berger e Luckman (1994, p.185) chamam as inferências de “compreensões tácitas”, Foucault (1966) apresenta-as como “vãos” interpretativos que necessitam ser “sulcados” por conectivos, com que o autor deste trabalho não concorda plenamente, e faz uma analogia entre a leitura de mensagens ocultas no discurso com a

forma dos homens perscrutarem, por meio de sinais, os mistérios escondidos na natureza.

Mas, posto que há um “vão” entre as similitudes que formam grafismo e as que formam discurso, o saber e seu labor infinito recebem aí o espaço que lhes é próprio: terão que sulcar essa distância indo, por um ziguezague indefinido, do semelhante ao que lhe é semelhante. (FOUCAULT, 1966, p. 41).

A afirmação foucaultiana de que há inferências no mundo natural e no mundo da linguagem que devem ser sondadas pela ciência, deve-se a sua visão de que “as línguas estão com o mundo numa relação mais de analogia que de significação”.

Quando Berger (2002, p.20) declara que a essência do estudo eficiente da sociologia jaz na “capacidade de olhar além dos sinais exteriores na busca do que esses sinais possam ocultar,” abre espaço para a interpretação de que a conversa e seus componentes implícitos e explícitos constituem um possível foco de estudo sociológico. Também, ao dizer que a “vida cotidiana do indivíduo pode ser considerada em termos do funcionamento de um aparelho de conversa” Berger e Luckman (1994) já prenunciavam a importância das inferências na linguagem.

Pais (2004, p. 203) atrela a contribuição da realidade social com a conversa quando afirma que “o veículo mais importante da conservação da realidade é a conversa” ele diz ser possível considerar a vida cotidiana do indivíduo em termos do funcionamento de um aparelho de conversa, que continuamente mantém, modifica e reconstrói sua realidade subjetiva.

2.7 INFERÊNCIAS E INFLUÊNCIA SOCIAL

As crenças sociais assimiladas por inferências perpetuam-se mais indelévels que as comunicadas pelo explícito, pois perpassam as redes de arbítrios individuais sem acionar seu funcionamento.

Bourdieu (2005) deixa transparecer implicitamente que a idéia da assimilação inferencial das hierarquias de objetos de estudo consegue impor-se de forma mais forte ou total porque não necessita ser explicitada. O argumento usado é, ao tratar sobre os esquemas intelectuais e lingüísticos do ensino da língua francesa, que são transmitidos de modo muito mais implícito que explícito tais quais as maneiras de pensar e se comportar dos índios bororós.

Os esquemas lingüísticos e intelectuais determinam muito mais o que os indivíduos apreendem como digno de ser pensado e o que pensam a respeito, Pois **atuam fora do alcance das tomadas de consciência crítica**: O pensamento segue uma rede de caminhos abertos no interior de uma linguagem particular, uma organização capaz de orientar de modo sistemático a direção de certos aspectos da inteligência ou de certos aspectos da realidade, descartando sistematicamente outros aspectos valorosos por outras linguagens. O indivíduo é inteiramente inconsciente desta organização e completamente amarrado a estes liames intransponíveis”. (BOURDIEU, 2005, p.213) (Grifo meu).

Bakhtin (2000, p.313) diz que por inferências na socialização primária, “um conjunto quase homogêneo de valores da sociedade instala-se na mente do indivíduo e é aceito como padrão único de atuação.” Quando esse paradigma inferido é reforçado, personifica-se um senso coletivo, pois em “toda época, em cada uma das épocas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das obras, dos enunciados, das locuções etc. Há sempre certo número de idéias, diretrizes que emanam dos ‘luminares’ da época, certo número de

objetivos que se perseguem, certo número de objetivos que se perseguem, certo número de palavras de ordem.”

Ao se considerar que, conforme Berger e Luckmann (1994, p. 180), “É a linguagem que tem de ser interiorizada acima de tudo. Com a linguagem; e por meio dela, vários esquemas motivacionais e interpretativos são interiorizados com valor institucional definido...”, cabe a dedução de que as crenças sociais assimiladas por inferências perpetuam-se mais indelévels que as comunicadas pelo explícito, portanto vale supor que as palavras e as inferências têm força motriz efetiva capaz de suggestionar pensamentos, comportamentos bem como ações individuais e coletivas moldando e as práticas sociais.

Block (2007), ao citar du Gay no que concerne à definição de discurso, parece concordar com a suposição de que, através da língua, as práticas sociais podem ser moldadas:

Pelo termo “ discurso” ...[os teóricos] referem-se a um conjunto de declarações que uma língua proporciona à discussão de algum tópico e uma maneira de produzir um tipo particular de conhecimento sobre um tópico. Assim o termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da língua e da representação como a maneira em que o conhecimento é institucionalizado, *moldando as práticas sociais e estabelecer novas práticas ao jogo.* (BLOCK, 2007 *apud* du Gay, 1996:43)

Berger & Luckmann (1994, p.204) concordam com a relação de influências entre a sociedade e a linguagem, alegando que “a linguagem realiza”, (no sentido de fabrica, constrói e gera) “o mundo.”

2.7.1 Retrato, reforço e estabelecimento sociais por inferências

A linguagem da pintura, literatura, escultura, ou seja, toda sorte de produção artística não só retrata e reforça os conceitos e contextos de um povo, mas também introjeta inferências que influenciam a geração de novas silhuetas sociais.

Bourdieu (2005) tece com muita propriedade sua defesa de que os esquemas lingüísticos determinam pensamentos e ações em uma escala maior que a percebida porque atuam fora do alcance das tomadas de coerência crítica.

Pode-se constatar a introjeção de inferências que influenciam a sociedade e, por ela, são influenciadas, ao se analisar o fato, por exemplo, dos registros rupestres pós período pictográfico da escrita. Em um dos registros rupestres do período ideográfico da escrita, encontra-se o desenho de um triângulo púbio, circundado por montanhas e um arco parabólico. Esse ideograma é a designação de escrava. O ideograma que representava uma escrava era significativo para aquela sociedade, pois toda mulher oriunda de além montanhas era estrangeira. O motivo óbvio para uma mulher viver longe de seu povo seria o cativo, portanto, escrava. Ao se contemplar o ideograma referente à escrava, não só a prática social de xenofobia era retratada como também condicionada e reforçada aos leitores.

Outro exemplo obtém-se da Idade Média, quando impregnada com os conceitos de certo e errado absolutos. A arte retratava sempre esse princípio nos quadros repletos de contrastes de preto e branco; claro e escuro; brilhante e opaco. A arte barroca, além de esboçar os conceitos eclesiásticos, sub-repticiamente ensinava e fortalecia os pilares ideológicos medievais porque inseriam a inferência de *único mundo*. Também com o propósito de reforçar um “*olhar da época*” nos indivíduos, a pintura do Séc. XV na Itália, segundo Geertz (1997) era religiosa nas causas e nos efeitos que se dispunha a incutir.

Para clarear suas palavras sobre o saber local, Geertz (1997, p. 148) apresenta que, “para o povo ioruba, uma linha reta,” segundo Robert Faris Thompson,

“significa a precisão linear e, assim, tanto os que preparam a arte como os seus avaliadores têm preocupação primeira com a linha reta, além do que o próprio vocabulário Ioruba evidencia o foco de preferência pelo retilíneo sendo sutil e extenso.”

Diferentemente do que poderia significar civilização para o Ocidente, na cultura Ioruba, conforme Geertz(1997, p. 149), ter cicatrizes retas na face implica em civilização pois, na maneira de ver dos iorubas, a cicatriz é sinônimo de civilização porque a reta retrata o desmatamento para a criação do progresso; das ruas agrícolas para a colheita.

Alguns estudos sugerem que a linguagem, seja no âmbito explícito ou implícito, desencadeia ações mentais capazes de determinar ou condicionar alterações físicas e/ou comportamentais individuais ou coletivas.

Joseph Goebbels (cf. BORGES, 2005, p. 26) foi o Ministro da Propaganda na Alemanha de Adolf Hitler e era doutor em Letras e Filosofia. Durante os comícios de divulgação da ideologia nazista, efeitos cênicos de luzes e bandeiras flamulantes criavam expectativa ao discurso envolvente de Adolf Hitler que eram escritos com tinta colorida para determinar os pontos da fala em que a entonação e a modulação da voz deveriam manipular as emoções excitadas dos ouvintes. Goebbels (1933) declara que “ ao se repetir cem vezes que alguém é um tolo, ele acabará acreditando nisso.”

A linguagem dos discursos de Hitler não só retratava ódio aos judeus, mas implantava no senso comum coletivo esse sentimento contra cerca de seis milhões de judeus mortos em campos de concentração.

Outra evidência da influência da linguagem sobre aspectos físico é encontrada nos estudos realizados pela faculdade de medicina da Universidade Federal de São Paulo – USP que mostraram a existência de conexão entre o aprendizado de uma língua estrangeira e alterações mórficas e operacionais no cérebro de pessoas bilíngües.

Estudos da literatura internacional apontam para uma forte relação do aprendizado das características de línguas distintas com mudanças anatômicas, morfológicas e comportamentais do cérebro. Há trabalhos na literatura internacional que procederam ao estudo do aprendizado e/ou a exposição de um indivíduo a duas línguas caracteristicamente distintas com mudanças anatômicas, morfológicas e comportamentais do cérebro. Isto pode estar correlacionado com o fato de que descendentes de japoneses, falantes do português brasileiro e da língua japonesa, apresentaram um desempenho significativamente melhor do que os outros grupos. (ONODA, 2007, p.4).

O comportamento social é suscetível à inferência e repleto de ações dissuasivas e artifícios cujos motivos são lançar luz favorável sobre o ator social que busca a aprovação da sociedade pois, segundo Durkheim (1978), “viver em sociedade significa existir sob a dominação da lógica social”.

Goffman (2002, p.16) declara que, em sociedade, um indivíduo “tenta controlar a impressão dos outros” sobre si e apresenta um estratagema usado pelos outros como defesa nesse processo de teatralização da vida real: um confronto entre o que fala e o que infere. Um indivíduo tenta então, esconder-se nas sombras ou penumbras produzidas pelas luzes de suas palavras. Assim segundo Goffman, esse palco é um ciclo de encobrimentos e descobrimentos.

Não resta dúvida de que a linguagem é um instrumento por excelência na construção das máscaras sociais. Além das intenções do falante, no estudo das inferências, pode-se localizar por trás das palavras um profícuo campo de estudos sociológicos.

No processo interpretativo, é fundamental despir o pensamento de sua roupagem lingüística retirando as capas da linguagem que são usadas para embrulhá-lo.

A respeito dessa perspectiva, Koch (2006) permite inferir que há manipulação nas inferências quando declara as vantagens de se saber ler inferências, como por exemplo, fugir à manipulação e prescrição de comportamentos:

Ainda mais: no momento em que o educando se tornar capaz de descobrir tudo aquilo que se encontra, de algum modo, implícito no texto, em seus mais diversos níveis de significação, ser-lhe-á mais fácil fugir à manipulação, ou seja, reconhecer as manobras discursivas realizadas pelo produtor com intuito de conduzi-lo a uma determinada interpretação ou obter dele determinados tipos de comportamento. (KOCH, 2006, p. 160).

Santa-Clara e Spinillo (2006, p. 91) concordam que há argumentação nas inferências ao declararem que “situações discursivas são argumentativas” quando “pretendem mudar a perspectiva de uma audiência sobre um dado tópico.”

Finalmente, no que concerne à hipótese deste trabalho, Sperber & Wilson (2001, p.115) afirmam que “qualquer informação representada conceitualmente e que esteja disponível ao receptor poderá ser utilizada como premissa nesse processo inferencial.” Portanto, se o “simples informar altera o ambiente cognitivo do receptor,” - (IDEM, p. 110) - então, a informação gerada por meio das inferências e suposições “modifica e aperfeiçoa uma representação total de mundo.”(IBDEM, p.123).

São estes, em termos gerais, os autores cujos conceitos embasam e direcionam as análises dos textos no que concerne às inferências e como elas retratam, reforçam e estabelecem comportamentos sociais.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DO *CORPUS*: TEXTOS CLASSIFICADOS POR TEMAS DE INFERÊNCIAS

Os gêneros textuais, conforme sustenta Bakhtin (2000), são modalidades comunicativas, que, em função de seu constante uso social, tornam-se padrões gerais para o discurso.

A charge constitui-se um gênero de texto opinativo cujo propósito é, ao evocar um fato ou acontecimento específico, gerar crítica apelando ao humor.

O teor de uma charge, por ser eminentemente interpretativa e reveladora de fenômenos implícitos, depende para sua compreensão de coerência.

Koch & Travaglia (1989) destacam que a coerência é o recurso que permite estabelecer relações entre os elementos seqüenciais do texto, com o propósito de produzi-lo ou recebê-lo como uma unidade significativa global, e declinam que os sustentáculos da coerência são o conhecimento lingüístico, o conhecimento de mundo, o conhecimento partilhado, as inferências, os fatores de contextualização, situacionalidade, informatividade, focalização, intertextualidade e relevância.

No entanto, cabe ressaltar que as inferências situam-se em uma posição maior que disposta pelos autores, haja vista que, as inferências abarcam o conhecimento de mundo, o conhecimento partilhado, a contextualização, a situacionalidade, a relevância e o conhecimento do código para sua integralização. Sem o processamento mental para o estabelecimento de relações de significado, ou o preenchimento dos *vãos textuais* denominado de inferência, não é possível haver percepção da coerência, pois a soma desses fatores não é maior que o sistema que formam.

Assim, não é plausível classificar o fenômeno da inferência como outro fator paralelo ao conhecimento lingüístico, conhecimento de mundo e partilhado, fatores de contextualização, situacionalidade, informatividade, focalização, intertextualidade e relevância assim como não seria congrega a América do Sul no conjunto composto por Brasil, Venezuela, Bolívia e Paraguai.

A tônica desta análise dá-se na asseveração de que não pode haver percepção de coerência sem a produção de inferências, além do que, elas são um forte recurso persuasivo para retratar, reforçar e transformar os condicionamentos sociais.

A comicidade e a ironia são fenômenos que ocorrem somente se a coerência entre os fatos é percebida por meio da inferenciação, isto é, quando o interlocutor preenche as lacunas existentes no que é estritamente lingüístico com o propósito de construir sentido ao texto.

Dessa forma, ao se considerar que a charge descortina realidades implícitas no cotidiano social, permitem-se leituras paralelas à principal, pois o processo de compreensão foca-se na capacidade inferencial do receptor.

Nessa perspectiva, Sperber & Wilson (2001, p.43) manifestam que é por meio da inferência que um leque inteiro de interpretações oriundas de um dado lingüístico se torna possível, pois “a comunicação é bem sucedida, não quando os ouvintes reconhecem o significado lingüístico da elocução, mas quando inferem o ‘significado’ daquilo que a pessoa falante quer dizer com ela”.

Para tanto, os autores postulam a existência de um tipo de inferência que visa comunicar que se está comunicando alguma informação, e cunharam o termo *ostensão* para designar esse fenômeno inferencial. No entanto frisa-se que o desempenho inferencial possibilita interpretações heurísticas da ostensão principal.

3.1 TEMA 1: SAÚDE PÚBLICA

Entre diversos temas possíveis para a análise das inferências, optou-se pela saúde pública, porque, sob todos os aspectos, este é um assunto sempre relevante e atual, por isso sua inclusão neste rol de análises.

3.1.1 Análise do texto: A dengue versus violência

As charges, de modo especial, são consideradas como um tipo de texto bastante atrativo para todas as idades, bem como, repleto de inferências.

Texto/charge 1



Charge I – de Antônio Amâncio de Oliveira Filho – Jornal Diário de Natal - Extraído de <http://maryvillano.blogspot.com/2008/04/dengue-no-rio-de-janeiro-est-assustando.html>

A charge de Antônio Amâncio de Oliveira Filho exhibe a problemática da epidemia de dengue no Rio de Janeiro cujas estatísticas registram até maio de 2008

162.701 casos de dengue no território fluminense com 123 óbitos em decorrência da doença conforme boletim da Secretaria de Estado de Saúde e Defesa Civil do Governo do Rio de Janeiro.

A dengue é uma doença febril infecciosa causada por um vírus da família *Flaviridae* e é transmitido pela fêmea do mosquito *Aedes Aegypti*. Existem quatro tipos de dengue pois o vírus que causa a dengue possui quatro sorotipos: *DEN-1*, *DEN-2*, *DEN-3* e *DEN-4*.

O modo de transmissão se dá por meio da picada do mosquito de hábitos diurnos. E a sintomatologia inicia-se com febre alta, com possibilidade de apresentar dor de cabeça, prostração, dor muscular, dor ao redor dos olhos, náusea, vômitos e dor abdominal. É freqüentemente, após três ou quatro dias após o início da febre, ocorram manchas vermelhas na pele a semelhança do sarampo ou rubéola, bem como coceira e pequenos sangramentos no nariz e nas gengivas. A caracterização da forma mais grave da doença, denominada de *dengue hemorrágica*, se dá quando após o arrefecimento da febre ocorre uma diminuição acentuada na pressão sanguínea. Embora o nome sugira a ocorrência de hemorragia, a gravidade está relacionada, principalmente, à diminuição da pressão sanguínea e que pode conduzir o infectado ao óbito.

Segundo a Cetesb “O *Aedes Aegypti* pertence à família *Culicidae*, a qual apresenta duas fases ecológicas interdependentes: a aquática, que inclui três etapas de desenvolvimento - ovo, larva e pupa -, e a terrestre, que corresponde ao mosquito adulto”.

As medidas de prevenção baseiam-se na eliminação dos criadouros do mosquito que são, locais úmidos, receptáculos que possam reter água parada, tais quais, caixas de água, pneus, latas, vasos, e outros, bem como a aplicação do inseticida organofosforado cujo nome técnico é *temefós* vulgarmente conhecido como *fumacê*.

É fato comum afirmar que, além da epidemia de dengue acima explicitada, concorre também uma crise de violência urbana instalada no Rio de Janeiro. Percebe-se pelos dados da Secretaria de Segurança Pública desse estado, conforme tabelas abaixo, que no ano de 2006 houve 6.323 homicídios sendo que 4.539 – 71,8% praticados com armas de fogo – dos quais 205 vítimas de balas perdidas. No ano de 2007, houve 6.133 homicídios dos quais 4.351 – 70,9% perpetrados por meio de armas de fogo, sendo 279 vítimas de balas perdidas.

Tabela 1 - Total de Homicídios e de Homicídios por PAF No ano de 2006		
Títulos	Quant.	%
Homicídios dolosos (vítimas)	6.323	100,0%
Homicídios por PAF (vítimas)	4.539	71,8%

Fonte: GEPDLBL/SESEG

Tabela 2 - Total de Homicídios e de Homicídios por PAF no ano de 2007		
Títulos	QUANT.	%
Homicídios dolosos (vítimas)	6.133	100,0%
Homicídios por PAF (vítimas)	4.351	70,9%

Fonte: GEPDLBL/SESEG. Disponível em:

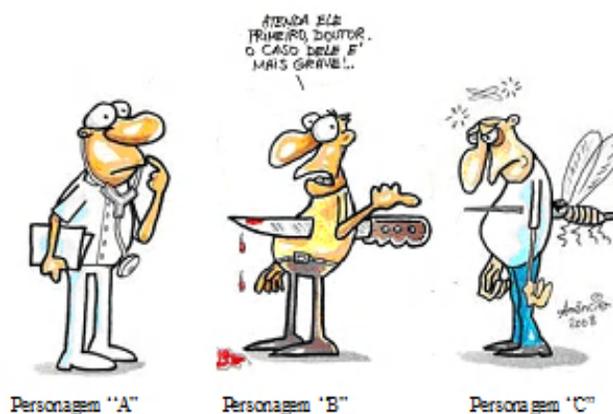
http://urutau.proderj.rj.gov.br/isp-imagens/Updloads/BalaPerdida1_Tri2008.pdf

A pesquisa da Organização dos Estados Ibero-Americanos sobre o mapa da violência declara que o Rio de Janeiro é o líder absoluto de violência no Brasil.

Diante desse quadro de conhecimento partilhado, a charge de Antônio Amâncio dispõe três caricaturas, isto é, três representações de fisionomias humana com características humorísticas, cômicas ou grotescas, da direita para a esquerda um médico, assim identificado por inferência dada sua indumentária, estetoscópio nos ouvidos e prontuário na mão, doravante denominado de personagem “A”; seguido por um personagem que sangra com o coração transpassado horizontalmente por uma faca de medidas quase iguais à altura do personagem, que será reconhecido como

personagem “B”; e um terceiro personagem que se encontra cabisbaixo, com olheiras, e sinais de atordoamento sobre a cabeça e possui um mosquito, cujas faixas pretas no corpo designam o mosquito *Aedes Aegypti*, porém, com proporções agigantadas perpassando o tórax do personagem, também nas proximidades do coração, a ser retratado como personagem “C”.

FIGURA E



Oriundo da personagem “B”, procede um traço que o caracteriza como emissor da fala: “Atenda ele primeiro, doutor. O caso dele é mais grave!...”.

A forma: “atenda ele” retrata uma variação popular da língua portuguesa com o propósito de classificar a personagem como pessoa comum, embora use o imperativo segundo a norma padrão da língua. Essa forma verbal oferece dupla possibilidade de interpretação, evidenciando súplica ou ordem ao médico. O vocativo *doutor* infere um discurso socialmente hierárquico e respeitoso atribuído à classe profissional inclusive daqueles médicos que não tenham cursado o doutorado, portanto, seu interlocutor é o médico. O valor lingüístico é incrementado em seu significado por

apresentar na escrita, letras com características icônicas firmes e traços retos, fato este que pode fazer inferir a firmeza de sua declaração.

A expressão “o caso dele é mais grave” rompe com o esperado no senso comum de que o médico é o responsável pelo diagnóstico ou determinação da prioridade de atendimento, mas o irromper da ilocução da personagem “B” sugere que a epidemia de dengue é um problema, que, até às vistas leigas da população, afigura-se mais grave que a própria violência.

Decorre daí que, a fisionomia da personagem “B”, a despeito da faca incrustada nas costas, não apresenta marcas de dor ou pesar próprio. Assim, pode-se inferir que a constância da violência banalizou-a a fato comum e corriqueiro. Os olhos da personagem “B” expressam uma espécie de terror quanto ao problema da personagem “C”, insinuando que a violência vivenciada pelos cariocas não é nada em comparação à epidemia de dengue.

Percebe-se intenção inferencial ostensiva nos elementos da charge ora focados dada a necessidade de se estabelecer inferência entre esses tópicos mediados pelo hiato de coerência entre os dois problemas sociais: a violência inferida por meio do paciente alvejado por uma faca, e a epidemia de dengue retratada pelo paciente “C” ambos problemas graves.

Assim, a charge pode fazer inferir também que ambos os problemas são nevrálgicos, pois tanto a faca do personagem “B” como o mosquito do personagem “C” acertaram o coração das vítimas.

Para retratar a sintomatologia da dengue, a charge apresenta os traços das pernas e dos braços do personagem “C” irregulares, como analogia à fraqueza muscular decorrente dessa virose.

O problema de saúde pública que a charge acima faz inferir tem uma extensão polifônica – termo que, de maneira geral, designa a incorporação sub-reptícia

de vozes e enunciados dos outros no discurso do autor – no que concerne às evidências médicas-científicas de que o acúmulo de adiposidade na região abdominal predispõe o indivíduo à problemas cardíacos, de excesso de glicemia no sangue, e de hipertensão. Ao caricaturar o abdome dos personagens “B” e “C”, o autor evidencia protuberância contrastante à delineada no médico.

Assim, as causas que eventualmente teriam provocado essa dilatação, além, é claro, da tendência natural de acúmulo de gordura nessa parte do corpo com o avanço da idade, tornam-se coerentes e relevantes ao se fazer inferir a premissa de que as personagens “B” e “C” são displicentes quanto à saúde preventiva decorrente de vida sedentária, falta de exercícios físicos, etc., aspectos estes que reduzem as defesas do organismo a viroses aumentando sua debilidade.

Além disso, mais um fator que viabiliza a ocorrência de inferências na charge I centra-se no gênero do mosquito, pois, embora não haja explicitamente nenhum elemento que o caracterize como macho ou fêmea, a partir da recuperação enciclopédica de que é a fêmea do mosquito *Aedes Aegypti* que transmite o vírus da dengue, ocorre inferência para entender que o mosquito da charge apresenta esse gênero.

Igualmente, em decorrência das dimensões concedidas à fêmea do mosquito presente com a personagem “C” infere-se desta relação de causa e efeito que a multiplicação desenfreada do mosquito torna-o grande e perigoso, dessa forma, questiona a idéia falaciosa de que a força temível é atributo oriundo unicamente daquilo que é macro e, portanto, esclarece que mesmo algo tão pequeno quanto mosquitos e vírus são, a despeito de suas dimensões, veículos de graves conseqüências.

Como dito anteriormente, a charge I expõe de forma cômica, um recorte negativo entre duas situações negativas que ocorrem concomitantemente no Rio de

janeiro, isto é, a violência, representada pela faca e a epidemia de dengue representada pelo mosquito, respectivamente ambos recursos metonímicos que permite inferir que tanto a faca quanto o mosquito foram cravados pelas costas, ato que não poderia ser perpetrado pela ação das próprios personagens, assim, sugere-se que as responsabilidades quanto a esse estado de coisas é de pertinência de outrem.

Ainda sob essa perspectiva, nota-se que não é focada qualquer expressão de intencionalidade no mosquito corroborando a idéia de que, além da própria população, o mosquito também não é o sujeito responsável por sua multiplicação desequilibrada que ocasiona a transmissão da dengue. Essa ocorrência se dá em função da passividade das autoridades na atuação de medidas de combate à doença. Sugere-se uma suposta escusa de responsabilidade dos personagens apresentados, o que pode levar à dedução de que a delegação da culpa deve ser destinada à um elemento não manifesto na charge, isto é, nela implícito.

A partir da dedução implícita da alegação de inculpabilidade de cada um dos personagens manifestos na charge, por exclusão, infere-se que um elemento dela ausente é responsável pela situação referendada.

Assim, um gatilho de percepção por inferência é acionado na cristalização toponímica de ambiente hospitalar. Esse ambiente é reconhecido a partir de premissas postas, tais como, fila, presença de feridos, atendimento a pacientes, presença de um médico funcional, ato ilocutório relativo à consulta médica e atendimento de urgência.

Freqüentemente, a terceira dimensão da charge é usada para projetar maior evidência à imagem principal ou, conforme Romualdo (2000, p. 22), está sempre implícita por ser uma dimensão ficcional projetada pelo emprego de técnicas de perspectiva, porém, as premissas que se propõem a fazer inferir o ambiente hospitalar inexistem na charge ora analisada. Não há leitos vistos, macas, bancos, suportes de soro,

consultórios, outros médicos, enfermeiras andando, prateleiras de remédios, faxineiras para a higienização do ambiente e limpeza do sangue gotejado no chão, etc.

Em decorrência do fundo vazio da charge, suscita-se a inferência de que há falta de estrutura hospitalar adequada ao atendimento da população, estrutura esta garantida pela constituição e que é de competência dos governantes providenciarem com os impostos arrecadados. Isto conduz o pensamento ao encontro dos supostos culpados – o estado.

Assim, diante da falta de condições de trabalho provenientes da omissão do estado, o médico esboça um olhar estupefato diante da crise de saúde, olhar este que infere sua restrição forçada no exercício da profissão.

Após a descrição da charge I e descortinamento de possíveis elementos inferenciais, - dado que os efeitos de sentido se concretizam realmente no interlocutor a partir de algumas pistas dadas pelo enunciador - pode-se perceber que esse texto também é baseado na intenção argumentativa, pois, em concordância às palavras evocadas de Romualdo (2000, p. 18), os chargistas colocam neles (nos textos) suas opiniões, suas críticas e pontos de vista.

Com efeito, argumentar segundo Perelman (2005) implica em convencer ou persuadir o interlocutor levando-o a cooperar. Convencer é uma designação mais adequada para a anuência intelectual do auditório, enquanto o termo persuadir, que é mais relevante para esta análise, significa levar o interlocutor à ação.

Para tanto, a indução do pensamento também se dá de forma tácita por meio de inferências, ao se propor uma leitura da soma de idéias inferenciais oriundas da charge I, chega-se à ilação de que não apenas os elementos explícitos do texto são persuasivos mas que as inferências do texto também o são na medida em que retratam, reforçam, e transformam os condicionamentos sociais de forma velada e sob-reptícia.

Segundo Bakhtin (1997, p. 41), “ as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as revelações sociais em todos os domínios” , assim, a persuasão, na medida em que é implícita se torna mais eficiente, pois, a partir do momento em que o ônus da interpretação recai sobre o leitor, isenta-se o autor da responsabilidade do que se elucubrou, no entanto, como os circuitos mentais percorridos na inferenciação com vistas ao preenchimento das lacunas comunicativas são previsíveis, também é possível dispor as informações no sentido de, intencionalmente manipular a geração de inferências na mente do interlocutor de forma tão tácita que essa argumentatividade seja aceita como oriunda do próprio pensamento do indivíduo, portanto, livre de filtros de questionamento e contra-argumentação.

Por conseguinte, Charaudeau (2007, p.19) defende que as imagens “não transmitem o que ocorre na realidade social, mas impõem o que constroem do espaço público.” Afirma também que elas produzem efeitos perversos porque “tornam visível um fragmento invisível” ampliado ou simplificado conforme a visão do autor e que estereotipifica o mundo.

Procede dessa visão a declaração de que as inferências da charge acima são um composto persuasivo, na medida em que, como se procura evidenciar, os elementos abaixo declinados retratam, reforçam e estabelecem comportamentos sociais.

Ao estimular a percepção inferencial de realidades sociais, a charge I permite em tom de ironia - recurso este que, segundo Charles Lemert (*apud* MINOIS, 2003, p. 569), é hoje uma atitude necessária para uma teoria social – o retrato dos elementos arrolados a seguir.

A epidemia de dengue no Rio de Janeiro e seus sintomas tomam proporções alarmantes bem como, os índices da violência urbana, que achamlotam os registros de ocorrências policiais. Retrata-se também a estrutura hospitalar precária da rede estadual bem como o cotidiano de um pronto socorro na cidade do Rio de Janeiro.

É possível perceber na charge I, a postura respeitosa que a população tem para com o médico considerando-o de hierarquia social superior.

Além desses elementos, a inferência da charge I retrata o sobrepeso causado pela condição sedentária de um grande número de pessoas urbanas como vítimas em potencial dos males de hipertensão arterial e diabetes, o que infla as estimativas de portadores dessas afecções a um patamar ainda mais elevado.

Nesse fluxo inferencial, retrata-se a realidade em geral de parlamentares e poder executivo como inoperantes e displicentes quanto a sua responsabilidade de bem empregar os recursos destinados à área de saúde preventiva e curativa emergencial.

Além de retratar fenômenos sociais, as inferências também reforçam esses costumes firmando-os na mente do leitor como circunstâncias absolutamente verdadeiras.

Para tanto, pode-se perceber que, a partir da leitura inferencial dos elementos dispostos como realidades absolutas no recorte chágico, a atitudes de um certo número de leitores tende à adaptação e ao conformismo, numa assimilação passiva que se resume na postura de “as coisas são assim mesmo”, ou “deixa como está pra ver como é que fica”.

Entre os elementos considerados mantenedores dos condicionamentos sociais, encontra-se o dogma de que as ciências médicas detém posição hierarquicamente superior às outras, por titular de doutor mesmo quem ainda não possui o doutorado. Este aspecto reforça a idéia popular de que doutor é aquele que é formado em medicina, assim, o valor do título daqueles que fizeram o doutorado em outras áreas do saber humano é percebido como ligeiramente impertinente, inadequado ou, no mínimo, estranho.

A leitura inferencial, por gerar percepções implícitas e /ou subentendidas, também reforçam ou ainda ampliam o conceito de que o Rio de Janeiro é uma cidade

violenta, isto é, que, impreterivelmente todos que lá estiverem serão vitimados pela violência, além de serem infectados pela dengue.

Assim, nesse mesmo contexto, as autoridades retratadas como omissas são generalizadas produzindo-se um *status quo* bilateral, isto é, tanto a população verá o corpo parlamentar como omissos e indigno de crédito, como os próprios políticos entenderão que, a despeito do que venham fazer, seriam reputados por omissos, portanto, ser pró-ativo não mudaria a imagem afixada no conhecimento popular.

Não obstante as inferências retratem e reforcem sub-repticiamente os condicionamentos sociais, elas também promovem transformações e esclarecimentos ou geração de novos conhecimentos como pode ser observado a seguir:

Embora seja senso comum justificar-se o temor daquilo que, por ter grandes proporções, infere perigo em função dos cuidados envolvidos em seu transporte, operação, gerenciamento, reação ou intenção; a charge I suscita o questionamento de que os riscos envolvidos no mundo das coisas pequenas são tão sinistros quanto os do macro mundo. Assim, quando a charge I amplia o tamanho do mosquito, procura transformar a falsa sinonímia: pequeno/irrelevante em proveitoso esclarecimento de que há perigo nas coisas pequenas como mosquitos, vírus, etc.

Além dessas transformações propostas, a charge I propõe uma mudança da opinião pública de que, a violência seja o principal problema social do Rio de Janeiro, para a visão de que, a dengue conquistou esse ícone com maior veiculação e preeminência.

Ao se somarem as considerações acima com a alegação de Charaudeau (2007, p. 28) de que “a instância de recepção constrói seus próprios efeitos de sentido que dependem de suas condições de interpretação” e que “o texto produzido é portador de ‘efeitos possíveis’”, procurou-se por meio da interpretação possível da charge I postular que as inferências, resultantes de capacidades imanentes da mente humana e

moldadas pela vivência social mediante o conhecimento de mundo e lingüístico, têm força persuasiva para retratar e reforçar comportamentos sociais.

3.1.2. Análise do texto 2: O mosquito na praia

A geografia da cidade do Rio de Janeiro comporta o bairro de Copacabana, que oficialmente surgiu em 06 de julho de 1892, quando, lavrado em ata, o presidente em exercício do Brasil, Marechal Floriano Peixoto inaugurou o túnel Alaor Prata.

Os cento e vinte e seis bairros da cidade do Rio de Janeiro, segundo os dados básicos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) referentes ao censo do ano 2000, Copacabana é a décima primeira colocada em IDH – Índice de Desenvolvimento Humano – (0,902) e é responsável por 9% do total de arrecadação do IPTU – Imposto Predial Territorial Urbano no município do Rio de Janeiro, que para o ano de 2008 é estimado em 1,4 bilhões de reais.

Copacabana divide-se em cem quarteirões formados por setenta e oito ruas, cinco avenidas, seis travessas e três ladeiras, dentro de uma área de 7,84 Km². A maior de suas avenidas é a Avenida Atlântica cuja extensão atinge 4.150 metros.

A Avenida Atlântica, localizada na zona sul da cidade e que margeia toda a orla marítima de Copacabana, é, segundo o INAE – Instituto Nacional de Altos Estudos, parte da maior rota do turismo internacional no Brasil. Decorrente desse afluxo turístico, é ali que se situam alguns dos melhores e mais caros hotéis e restaurantes do Rio de Janeiro.

Essa avenida foi pavimentada com basalto e calcário que formam um mosaico preto e branco simulando ondas no sentido perpendicular ao mar como observado na figura abaixo:

FIGURA F - Calçada da Avenida Atlântica em Copacabana - RJ



Extraído do site Google Earth

Nesse contexto sócio-econômico do bairro de Copacabana, reflete-se uma imagem paradisíaca de riqueza e *glamour* que permite à charge de Lézio Custódio Júnior, publicada no Jornal Diário da Região de São José do Rio Preto – SP conjugar elementos discrepantes entre si, com o intento de promover a exibição de realidades sérias por meio da ironia.

Texto 2 – O mosquito na praia



Charge de Lézio Júnior - Jornal Diário da Região 04/04/2008 S. José do Rio Preto - SP

É atributo de a charge apelar ao recurso da caricatura que, conforme Romualdo (2000, p. 26) “é o exagero proposital das características marcantes do elemento visual.”

Com esse propósito, a charge três apresenta o ambiente de prosperidade da Avenida Atlântica de forma caricatural ampliando-lhe os elementos paradisíacos, tais como: um calçadão plenamente limpo, (apesar de que, conforme o Jornal O Globo de 01 de janeiro de 2008, a Comlurb – Companhia Municipal de Limpeza Urbana destinou 921 garis só para a praia de Copacabana, tendo-se em vista que, no *réveillon* de 2006, recolheram-se 205 toneladas de lixo dessa praia) um trânsito calmo, (embora a média constatada pela GIT – Gerência de Informações de Tráfego do Rio de Janeiro sobre o volume diário de tráfego na Avenida Princesa Isabel, e Nossa Senhora de Copacabana, respectivamente perpendicular e paralela à Avenida Atlântica, seja de 197.430 veículos)

o morro do Pão de Açúcar, (sem exibir o Morro dos Cabritos, Pavão-Pavãozinho, Chapéu Mangueira e Babilônia, que são quatro favelas que abrigam 8.000 moradores pobres nas imediações de Copacabana) além de formosas mulheres jogando frescobol na praia, ou sobre uma esteira bronzeando-se ao sol, enquanto exibem seus louros cabelos compridos, diminutos biquínis e glúteos bem desenvolvidos.

Dessa forma, a charge 2 retrata um procedimento convencional elitista de exponenciar o belo e o positivo enquanto oculta as condições sociais indesejáveis para ignorá-las tanto quanto possível.

Todavia, para romper com essa visão de paraíso, e de que tudo está bem, a charge projeta a epidemia de dengue como iminente problema de saúde pública que pode alcançar até mesmo essa próspera região.

A inferência do risco de epidemia de dengue advém pela inserção da imagem de um mosquito *Aedes Aegypti* deitado sobre uma toalha cuja estampa mostra a mensagem “I ♥ RIO”, isto é, eu em inglês - com a finalidade de evidenciar que esse *souvenir* é destinado preferencialmente para a turistas estrangeiros - seguido do ícone coração para fazer inferir a idéia de apreciação, amor e paixão pela cidade do Rio de Janeiro sentida pelos visitantes em função obviamente, da cortesia, hospitalidade natural do carioca e das belezas naturais da cidade.

No entanto, a charge apresenta o dorso do transmissor da dengue sobre o calçadão de Copacabana porque o lombo do mosquito *Aedes Aegypti* é preto com riscos brancos e assim, produz-se uma intersecção que funde, perfeitamente, as imagens como se fossem uma só para fazer inferir que a dengue já faz parte integrante do cenário de Copacabana.

Para tanto, a despeito da informação científica de que o transmissor do vírus da dengue é a fêmea do mosquito *Aedes Aegypti*, o conhecimento empírico da população em geral reforça a idéia de que seja o macho o veículo dessa afecção.

Esse fato decorre inclusive do caráter da língua portuguesa que designa como epiceno o gênero desse tipo de substantivos, atribuindo o artigo definido masculino “o” para substantivos como mosquito, antílope, camelo, jacaré dentre outros.

Segundo Faraco e Moura (1999, p. 217), Epicenos “são nomes de animais que apresentam uma só forma para os dois gêneros”, assim, quando por razões científicas necessita-se especificar o sexo do animal, anexam-se adequadamente as palavras *macho* ou *fêmea* após o substantivo em evidência.

Assim, em consequência do influxo informativo e publicitário da mídia, por razões de economia e simplificação, veiculam o nome do mosquito precedido de artigo “o” em conformidade com a gramática normativa da língua portuguesa e, faz inferir que seja o mosquito-macho que transmita a dengue.

Dentro dessa perspectiva, ao se considerar que ocorre uma prosopopéia na charge 2, isto é, atribuem-se comportamentos, características e/ou atitudes humanas a um mosquito, Lézio Custódio Júnior concede-lhe atributos e ações predominantemente masculinos, tais como, boca não arredondada e sem a presença visível de lábios, músculos protuberantes nas costas, pêlos no corpo, e língua exposta infere desejo pelas mulheres ali presentes, além de um olhar por sobre os óculos escuros para fazer inferir que a claridade permita a melhor visualização do foco de interesse observado.

Do procedimento do mosquito da charge, nota-se que não lhe afeta ou incomoda o fato da *ostensão*, que conforme Sperber e Wilson (2001, p.109), é “tornar mutuamente manifesto ao interlocutor e a pessoa que comunica que a pessoa que comunica tem essa intenção comunicativa”, ou seja, o que comunica pretende que o fato de estar comunicando, além do comunicado, seja explícito e percebido pelo interlocutor. Pode-se dizer que o mosquito pretende que seja notória sua presença e interesse nesse bairro de classe alta da cidade do Rio de Janeiro, retratado como paraíso circundado por belas mulheres.

A inserção da representação de belas mulheres na charge 2 permite aplicar o conceito de Sperber e Wilson (2001, p.115) quando alegam que “ qualquer informação representada conceitualmente e que esteja disponível ao receptor poderá ser utilizada como premissa nesse processo inferencial,” dessa forma, “a compreensão inferencial é global e tem acesso livre a todas as informações conceituais dentro da memória”.

Assim, o conceito de beleza pode ser inferido a partir de estabelecimentos sociais concernentes à estética feminina dominante.

Como pode ser observado na charge em questão, encontram-se na praia de Copacabana várias mulheres com um mesmo perfil fabricado de beleza ocidental, cujo padrão é percebido, retratado, reforçado e estabelecido por meio das inferências que se seguem.

Nesta charge, todas as mulheres em evidência são altas e apresentam cabelos lisos, compridos e natural ou artificialmente loiros. Também, apesar de possuírem glúteos avantajados, por vezes moldados à custa de exercícios em academias, a altura e leveza de seus corpos e a pequenez de seus pés definem um padrão de feminilidade estereotipada.

Com efeito, constata-se o fato que a beleza pode ser estereotipada ao se considerar o contraste visível com outras épocas. Por exemplo, da obra dos grandes pintores do Século XIX que retratam mulheres bonitas para aquela época, infere-se um padrão de beleza adverso ao que se infere na charge 2. O ícone *sine qua non* que determinava o conceito de beleza naquele século era o excesso adiposo nos membros, pescoço e abdômen das mulheres representadas na tela.

Em oposição à norma estética do século XIX, a charge 2 corrobora o princípio que subjaz a reportagem do jornal *Unisul Hoje* de 23 de abril de 2008, de que, das mulheres clientes de clínicas de estética e academias de ginástica na cidade de Criciúma S.C. , 57% alegam que valorizam a estética ditada pela sociedade e buscam

atingir esses padrões, 64% consideram-se acima do peso desejado e 67% não estão satisfeitas com o próprio corpo. Além disso, podem-se encontrar mais de 1.120.000 referências à palavra *emagrecimento* no site de buscas do Google, dado este que evidencia abundante oferta derivada de grande procura.

Essa busca pelos padrões estéticos de uma sociedade é consoante à imposição do referencial de beleza que a indústria da propaganda e da moda infere e faz inferir que o beleza neste contexto sócio-temporal é magreza, cabelos lisos, pele clara e corpo com curvas definidamente delineadas.

Sob ponto de vista análogo ao referencial midiático de beleza contemporânea, o crivo diafásico de beleza nos moldes da presente charge também pode ser inferido tacitamente a partir de fábulas infantis clássicas como *A Branca de Neve e os Sete Anões* dos irmãos Grimm (1937, p. 629-642) posteriormente adaptada ao cinema por Walt Disney em 1937, e supõem-se que as feições de Branca de Neve tenham tido como modelo a atriz austríaca Hedy Lamarr (nome artístico de Hedwig Eva Maria Kiesler que ficou famosa por atuar no filme *Ekstase* (1933) onde aparecia nua e ofereceu-lhe posição entre as mais belas atrizes do cinema), bem como *A Bela Adormecida* e *Cinderela* de Charles Perrault em *Os Contos da Mamãe Ganso* (1697) e *A Bela e a Fera* (1748) de madame Jeanne-marie de Beaumont.

Nessas obras, em comum, as personagens amistosas, caridosas e ou injustiçadas são belas, possuem pele clara e são magras, ao passo que a bruxa, a fera ou a madrasta são antagonistas cuja vileza faz inferir que um maior percentual de melanina na cútis, maior massa corpórea, e cabelos mais rústicos sejam uma estética às avessas, isto é, estabelece-se por inferência que, pessoas supostamente bonitas em conformidade à norma estética estabelecida sejam boas, enquanto que, as que se descarrilam do padrão estético determinado sejam más ou negativas.

Como resultado do crivo contemporâneo de beleza inferido socialmente, percebe-se que na charge 2 não há introduzida nenhuma mulher que preconize discrepância com o perfil das princesas e donzelas dos contos de fábulas acrescidas com um quê audacioso de sensualidade e erotismo.

A partir das premissas da charge 2, permite-se também inferir que, a despeito dos impostos e lucratividade proveniente desse bairro, Copacabana seja um paraíso ameaçado pelo *Aedes Aegypti*, cuja etimologia declina do grego e latim respectivamente com o significado de odioso Egito. O mosquito contrafaz a estética prescrita no quadro como um turista alienígena e discrepante por advir de áreas menos nobres da cidade.

Dessa forma, ao descortinar um recorte social relativo à saúde pública na região de Copacabana, esta charge faz inferir em forma de denúncia a tessitura requisitória de pronta providência do poder público assim coagido pelo destaque sócio-econômico do bairro alegado na charge.

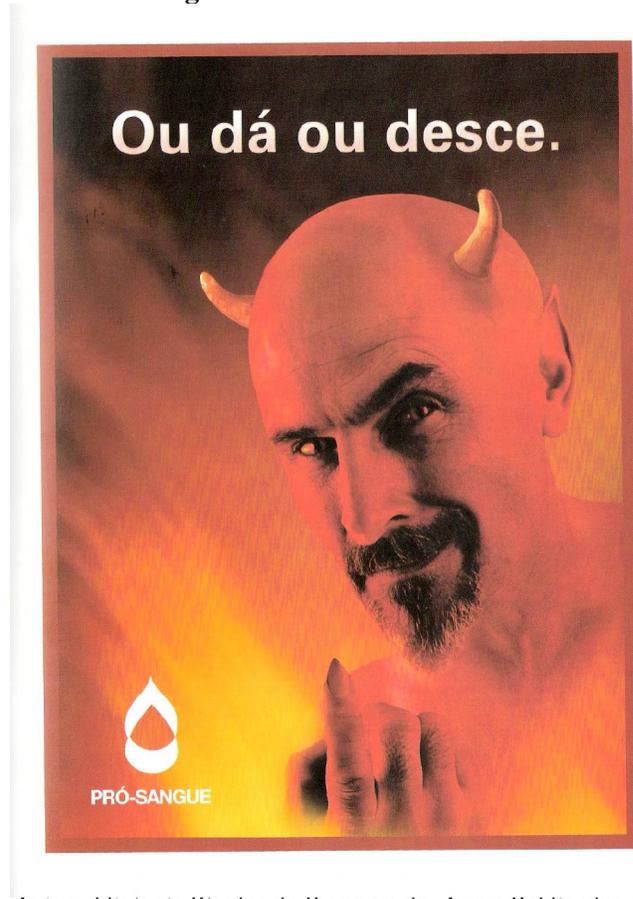
3.1.3. Análise do texto 3 - Sangue: ou dá ou desce

O livro *As Impublicáveis Pérolas da Propaganda. Agora Publicadas*, de Victor Marx, Eduardo Denker e Marcel Ares, reúne propagandas confeccionadas a partir da aplicação da técnica de *Brainstorm* ou tempestade cerebral.

A técnica de *Brainstorm* estimula a mente a gerar um grande número de idéias criativas sem a interferência de julgamentos críticos concomitantes. A partir daí, é natural que a originalidade não filtrada pelos crivos de censura, que refinariam e converteriam sua essência, possa manifestar humor baseado em situações exóticas e/ou politicamente incorretas.

Por esse motivo, tais propagandas possibilitam de forma mais nua, a análise de construções inferenciais no que concerne à revelação do imaginário e dos estatutos tácitos aceitos e arraigados implicitamente no inconsciente social.

Texto 3 – Sangue: ou dá ou desce



As impublicáveis Pérolas da Propaganda. Agora Publicadas, p. 75

Na página 75 do livro *As Impublicáveis Pérolas da Propaganda. Agora Publicadas*, encontra-se a propaganda criada por Adison Roberto F.P. Morais e Nathalie Brandes Lourenço que exhibe, do peito para cima, a imagem de um homem calvo cujo bigode e cavanhaque não se consomem mesmo em meio às chamas. Apesar da vermelhidão da cutis, parece estar confortável. Na cabeça, pouco acima das orelhas pontiagudas, irrompe um moderado par de chifres similares aos chifres de um bode. Supostamente fitando o interlocutor, associa um olhar malicioso ao movimento dêitico convidativo do dedo indicador com umha aquilina inferido da frase : “Ou dá ou desce”

escrita na parte superior do quadro publicitário do hemocentro Pró-sangue do Estado de São Paulo.

Sobre a tendência da prática publicitária dos hemocentros, Ludwig e Rodrigues (2005, p. 6) atestam que as “recentes mudanças na percepção do público sobre os riscos e benefícios da transfusão de sangue têm afetado a prática da doação de sangue” e, em função da escassez desse plasma nos hemocentros do Brasil, “as instituições começaram a implementar estratégias de *marketing* com o intuito de motivar um maior número de doadores de sangue”.

Conforme o Ministério da Saúde, cerca de 3,5 milhões de bolsas de sangue são coletadas anualmente no Brasil. No entanto, somente 1,7% da população brasileira é doadora, assim, as instituições de saúde reconhece que esse número deve impreterivelmente aumentar.

O sangue é um tecido conjuntivo líquido produzido na medula óssea vermelha cuja função é a manutenção da vida. Segundo Amabis e Martho (2004, p.68), “o sangue é constituído por 55% de plasma e 45% por hemácias, glóbulos brancos e plaquetas”. Em média, dizem os autores, uma pessoa com 70 kg possui 5,5 litros de sangue no corpo.

Portanto, o suprimento regular de sangue é importantíssimo nos hospitais e pronto socorros para o atendimento de pacientes vítimas de acidentes com graves perdas de sangue, além dos pacientes crônicos que necessitam de transfusões regulares bem como os hemofílicos.

Embora, a partir dos resultados das pesquisas publicadas na revista *Current Medical Research and Opinion* (vol.29, p. 87) concernente à técnica da empresa inglesa TriStem para transformar células sanguíneas em células-tronco medulares que geraram todos os tipos de sangue humano sejam promissores, essa fonte alternativa de sangue ainda projeta-se para um futuro muito distante.

Assim, a despeito dessa constante necessidade, a constituição da República e a Portaria n. 343 (Diário Oficial da União 2002; 19 de fevereiro) estabelecem que a doação de sangue no Brasil é um ato voluntário, não cabendo, portanto, qualquer tipo de remuneração por esse ato.

Somado a isso, Ludwin & Rodrigues (2005) apresentam alguns elementos negativos que desmotivam a doação de sangue, tais quais, apatia, medo, inconveniência e preocupação com a qualificação médica. Em contrapartida, os elementos motivadores desse ato são o altruísmo, os programas de garantias e reposição, o reconhecimento das necessidades da comunidade, a pressão social e a publicidade.

Nesse contexto, muitas pesquisas comprovam a eficácia persuasiva inferencial do uso de publicidade e recursos de *marketing* no incremento do número de doadores de sangue aos hemocentros.

As inferências que são geradas na propaganda criada por Adison Roberto F.P. Morais e Nathalie Brandes Lourenço efetivam-se a partir do conhecimento partilhado no imaginário social de que o diabo seria um ser de chifres, rabo e tridente que preside o inferno de chamas situado embaixo da terra – supostamente o destino de pessoas más após a morte.

O vocábulo *inferno* procede das palavras latinas *infernum* e *inferi* que significam mundo inferior ou profundezas. Na mitologia grega, o mundo inferior correspondia ao reino de Hades.

A palavra *Hades* é constituída do prefixo “*α*” – alfa grego com a idéia de negação mais o radical “*ιδειν*” – (*idein*) que significa ver. Portanto, Hades é uma composição que designa o lugar que não é visto, ou seja, sinônimo de sepultura ou habitação dos mortos.

Platão ensinou na página 70 de seu livro *Phaedo* que "no que concerne à alma, os homens são propensos à incredulidade; eles temem que ao deixar o corpo, seu

lugar possa ser o não mundo”, e na página 107 lê-se que “a alma nada leva para o Hades, exceto a educação e a cultura.” Como pode ser observado, Platão legou à Grécia a idéia de existência dos maus pós morte no mundo inferior ou no inferno.

No entanto, os gregos tomaram emprestada essa concepção dos Babilônios e Assírios, pois as crenças desses povos também pintavam o “mundo inferior como cheio de horrores e governado por deuses e demônios poderosos e ferozes.”

Essa visão também pode ser percebida no Egito antigo. No LIVRO DOS MORTOS, agora publicado em inglês pelo Dr. Wallis Budge – curador das antiguidades Egípcias do Museu de Londres - consta no capítulo 31 que, como recompensa advinda pela observância de certos deveres religiosos, os justos receberiam vida infundável repleta de regalias no pós tumba. Portanto, embora pouco seja tratado sobre a condição dos ímpios no pós morte, esse livro faz inferir a aniquilação dos não justos.

Com relação à visão do povo judeu concernente ao inferno, Flávio Josefo registra no livro *Guerras* livro II. Vol.8 pg. 11 que alguns fariseus acreditavam que “os corpos, de fato, eram corruptíveis e sua essência não imanente, mas que as almas dos justos atravessavam o oceano para um lugar de descanso e bênção, enquanto que, a dos ímpios iam para uma esfera subterrânea repleta de incessantes punições”.

Como mencionado, tal pensamento era partilhado por apenas uma parte dos judeus, pois, as palavras hebraicas para inferno são *Sheol*, cuja tradução é incerta e *Ge Hinom* que significa *vale de Hinom*.

Esse vale era localizado a sudeste da cidade de Jerusalém, e ali ocorriam sacrifícios humanos. Posteriormente, com a proibição desses sacrifícios, o local foi destinado para o depósito e queima do lixo proveniente da cidade de Jerusalém. Além do lixo, traziam-se cadáveres de mendigos encontrados mortos na rua e de criminosos mortos quando cometiam o delito. Atirar o corpo de alguém nesse crematório era

sinônimo de desprezo ao morto abandonado pelos familiares e, indigno de até uma sepultura.

No vale de Hinom havia fogo ardendo constantemente e, com o propósito de atizar essas chamas e torná-las mais eficientes na tarefa de consumir, lançava-se ali enxofre. Portanto esse vale serviu de analogia para Jesus de Nazaré falar sobre o fim do mundo.

Decorre daí que tanto a Collier's Encyclopedia (1986), como o Webster's Third New International Dictionary e a Encyclopedia Americana (1956) declaram que traduzir as palavras *Sheol* e *Ge Hinom* por inferno é um erro pois no original essas palavras não transmitiam qualquer idéia de calor ou tormento sentido.

Pode-se atribuir a concepção de inferno como lugar de chamas e suplício, cristalizado no imaginário popular de forma mais enfática, veja-se a obra *A Divina Comédia* de Dante Alighieri (2004).

A primeira parte dessa comédia é a descrição do inferno e as outras duas, o purgatório e o paraíso. O inferno é descrito como possuindo nove círculos, três vales, dez fossos e quatro esferas. Cada círculo introduz um inferno mais profundo, e, destina-se a *pecados* mais graves, segundo a graduação de Tomás de Aquino, quem influenciou Dante.

Especialmente no sétimo círculo, Dante aloca os violentos subdivididos em vales. Um deles era o vale do rio Flegetonte – rio de sangue fervente. Nesse rio ficavam submersos os que atentaram contra a vida de suas vítimas.

A partir desse conceito de inferno trazido à baila do imaginário popular no que se refere ao destino pós morte daqueles que são *maus*, a propaganda acima impressa do Hemocentro Pró-Sangue estabelece um gatilho inferencial que é acionado pela associação com a frase: *Ou dá ou desce* com sentido duplo.

Faz parte do conhecimento popular compartilhado que, dentro de contextos de cunho sexual, a forma intransitiva do verbo *dar* faz inferir permissividade ou anuência de um parceiro para a concretização de relações íntimas.

Nesse contexto, o verbo *descer* explicita o sentido de sair do carro. E as duas ocorrências da conjunção coordenada alternativa - *ou... ou* – imprimem um caráter de exclusão, determinando a seleção de apenas uma opção e, automática exclusão da outra que não fora selecionada.

Portanto, esse enunciado evoca a situação em que dentro de um veículo, um parceiro impõe o ultimato de ceder privilégios sexuais ou então sair do carro e retornar o caminho de outra forma, provavelmente a pé.

Assim, pela imbricação do imaginário popular concernente ao inferno e o reconhecimento da situação envolvida na fala ou *dá ou desce*, produz-se humor a partir da construção propositalmente ambígua que faz inferir que se o interlocutor não doar sangue, vai descer para o inferno.

A propaganda também faz inferir por meio da dedução do tipo causa e consequência que, é mau o indivíduo que não doa sangue, sendo merecedor do suplício dantesco por esse pecado.

É possível inferir que, compara-se ao diabo em termos de maldade, aquele que considera irrelevante a situação do Hemocentro Pró-Sangue tanto quanto aquele que assedia sexualmente por meio de chantagem com veículo automotor.

Ao tratar sobre falta de altruísmo ou maldade, a propaganda veicula a imagem de um suposto diabo de cor vermelha e faz inferir que semelhantemente ao mundo natural, quanto mais cintilante ou vermelho for um inseto ou réptil, mais nocivo ele é.

Conseqüentemente, ao se considerar que a cor do sangue é vermelha, reter o sangue que poderia ser doado, implica em revelar o que o retém como nocivo à

sociedade ou mais vermelho como o diabo. Por outro lado, também é plausível inferir baseado em Munzert & Howard (1972) que a cor vermelha sugere personalidade agressiva, de vontade férrea e energia, pois, em geral, as pessoas ficam vermelhas quando sentem raiva e ficam ruborizadas ao sentirem vergonha. Infere-se daí que a doação de sangue é o único meio de trazer energia e vida a muitas pessoas e que é uma vergonha não doar.

3.2. TEMA 2: O GÊNERO FEMININO

3.2.1 Análise do texto 4: Mulheres falam: fita crepe

Os conceitos estabelecidos no imaginário coletivo estão implícitos no discurso. Desse modo, atrás das palavras, há idéias tácitas socialmente herdadas e/ou construídas que funcionam como plataforma na projeção de inferências associadas por essas palavras.

Goethe (1992, p. 188 e 189) preconiza que “um símbolo [die Symbolik] transforma o fenômeno em idéia, a idéia em imagem, de tal modo que na imagem, a idéia permanece sempre infinitamente eficaz”.

Dessa forma, a idéia indizível constitui uma voz coletiva latente acionada imediatamente por sua respectiva imagem ou frame de determinado léxico.

A palavra inglesa *frame* significa moldura ou plataforma e é aplicada pelos modelos cognitivos globais como estruturas que organizam os elementos do conhecimento convencional de mundo associados a uma palavra congregando-os em conjuntos bem integrados.

Segundo Fávero (1991, p. 64) “os *frames* são modelos globais que contêm o conhecimento comum sobre um conceito primário (geralmente situações

estereotipadas), como natal, carnaval, imposto de renda, INPS, etc. Os *frames* estabelecem que elementos, ‘em princípio fazem parte de um todo [...]’.

Para Marcuschi (2005, p. 53) “os *frames* são as representações conceituais ou relações cognitivas encapsuladas em modelos mentais que representam focos implícitos armazenados em nossa memória de longo prazo como conhecimentos de mundo organizados.”

Portanto, os *frames* abarcam os elementos implicitamente constituintes de imagem, cenário, circunstância, idéia ou sensação pertinente à projeção de uma determinada palavra.

Por outro lado, *esquemas* são elementos cuja organização é progressiva predispondo previsibilidade.

No entanto, a intersecção de *frames* produz condições favoráveis ao surgimento de conhecimento novo resultante de inferências. Assim, a linguagem, por meio de *frames* e inferências, cunha veios primordiais interpretativos por onde se normatizarão as representações e leituras conceituais do mundo social.

Por esse motivo, Berger e Luckman (1994, p. 182) sustentam que “a linguagem tem de ser interiorizada acima de tudo, pois com a linguagem; e por meia dela, vários esquemas motivacionais e interpretativos são interiorizados com valor institucional definido”.

A partir da interiorização dos esquemas, frames e inferências de conceitos socialmente construídos que tem seu *locus* no imaginário social, Bourdieu (1997, p. 20) destaca que essas idéias coletivamente aceitas “ocultam mecanismos invisíveis através dos quais exercem censura de toda ordem” e por meio delas, “promove-se instantânea comunicação com o público.”

Assim, a linguagem dos ditados populares, provérbios, das piadas ou imagens de humor, cuja autoria é freqüentemente anônima e de domínio público, os *frames*,

esquemas e inferências podem ser percebidos com maior nitidez. Os ditados e a imagem das três mulheres mostram isto. De forma implícita, lê-se o conceito de que as mulheres falam muito.

EXEMPLO 4

(4.a) Um casamento perfeito: um homem meio surdo e uma mulher meio cega.

(4b) Segredo em boca de mulher é manteiga em boca de cão.

(4c) Nem rouxinol de cantar, nem mulher de falar.

(Extraído de: <<http://www.citador.pt/proverbios>>)

FIGURA G - Mulheres faladeiras



Extraído do site <http://img516.imageshack.us/img516/8826/fofoca29xn.png>

Portanto, o *frame* acalentado no imaginário social de que é comum às mulheres falarem em excesso, produz a construção de inferências que retratam, reforçam e estabelecem padrões sociais por meio da propaganda, instrumento que, na ótica de Sabat (1999, p. 51), “é um meio de regulação social porque é elaborada com o intuito de alcançar o senso comum no lastro cultural do consumidor”.

Porém, haveria comprovação científica para essa concepção social quanto ao comportamento verbal feminino supostamente mais intenso que dos homens?

“As diferenças sexuais quanto ao comportamento verbal têm sido um assunto relevante tanto para a comunidade pública quanto para a científica.” (LAKOFF, *apud* Mehl, 2007, p.1).

Castelo Branco (1991, p.17) alega que “o falar demais tem muito a ver com o discurso feminino”.

Vários pesquisadores observaram uma maior distinção na fala feminina que na masculina em função da prática de redução fonética dos homens.

Byrd (1994) supõe que essa maior distinção oral percebida deve-se a uma prática fonética reducionista mais usada pelos homens como: ênfase nas vogais centrais e corte na emissão dos fonemas finais da palavra, pausas guturais e modalizações de voz que fenecem na última sílaba. Em contrapartida, as mulheres tendem usar formas mais cuidadosas e menos reduzidas que os homens, conforme Cohen (1989, *apud* Byrd, 1994, p. 39 – 54).

No entanto, Mehl et al (2007, p. 82) asseguram que embora “o estereótipo da ablação feminina seja profundamente enraizado no folclore ocidental, e por vezes, tido como fato científico após análise, revela-se como mito.”

Liberman (2006 *apud* Mehl et al, 2007, p. 82) estimou que as mulheres falam 8.805 palavras e os homens 6.073 palavras por dia, mas o EAR – Electronically Activated Recorder – (Gravador eletronicamente ativado) que é um gravador ininterrupto da fala cotidiana das pessoas e que rastreia as palavras naturalmente faladas no decorrer do dia e que pode estimar com precisão a quantidade de vocábulos que, tanto homens quanto mulheres enunciam diariamente.

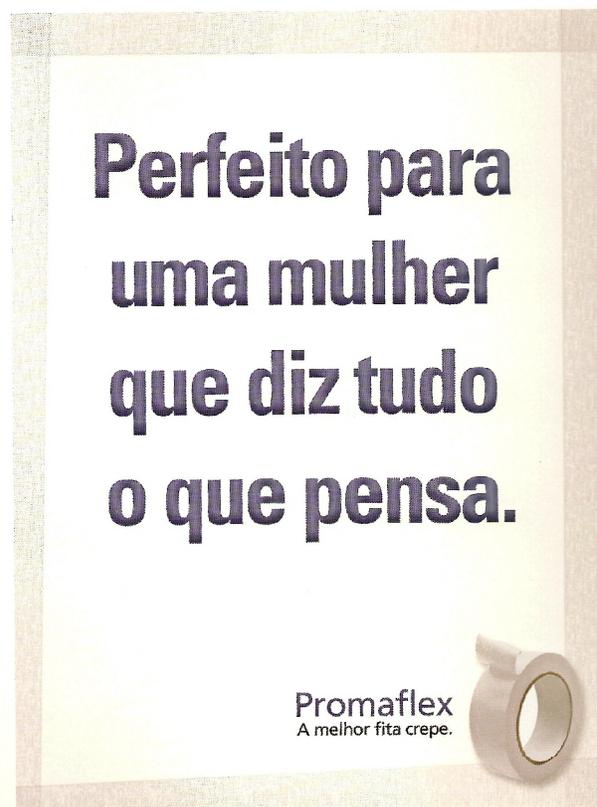
De todas as palavras faladas por 396 participantes (210 mulheres e 186 homens) coletadas em seis amostras diferentes no período de 1998 a 2004, Mehl et al (2007) concluíram que, em média, as mulheres falaram 16.215 e os homens 15.669 palavras em 17 horas, portanto, dada a insignificante diferença percentual da variação

entre homens e mulheres, Mehl et al (2007) concluíram que não há provas que sustentem a idéia de que, de fato, as mulheres falem mais que os homens.

A despeito das alegações científicas sobre a falta de provas conclusivas quanto ao comportamento verbal feminino ser mais intenso que o dos homens, o que importa, conforme discorre Goffman, são as inferências do imaginário social.

É também sumamente importante que compreendamos que, na verdade, na existência cotidiana não dirigimos nossas vidas. Tomamos nossas decisões, ou alcançamos metas, nem de maneira estatística, nem de maneira científica. Vivemos de inferências. (GOFFMAN, 2002, p. 13).

Texto 4: O comportamento verbal feminino



Extraído de *As impublicáveis pérolas da Propaganda agora publicadas* p.125

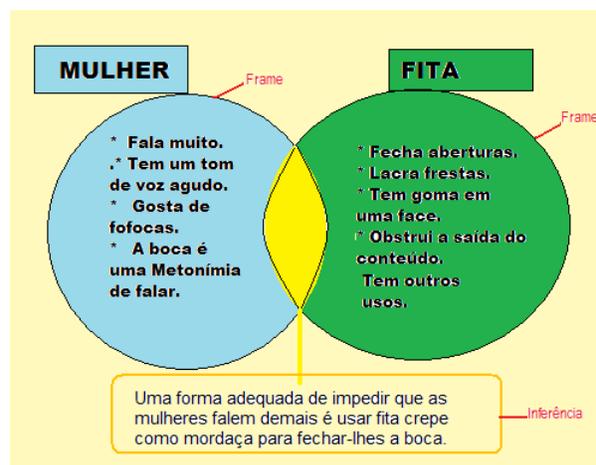
Na propaganda de Marcelo Maschietto Brito impressa no livro *As impublicáveis pérolas da propaganda agora publicadas* de Marx (2007), apresenta-se um quadro retangular delineado por fita crepe que ao centro contém a frase: “Perfeito para uma mulher que diz tudo o que pensa”.

No lado interno direito inferior desse quadro, evidencia-se a imagem de um rolo de fita crepe, ladeado pela marca Promaflex escrita sobre o apostro conativo: a melhor fita crepe.

A inferência resultante da intersecção de dois *frames* distintos que encapsulam os modelos mentais coletivos contidos nas palavras *mulher* – dentro do contexto dizer tudo o que pensa – e *fita* – do tipo crepe, que possui goma adesiva em uma das faces e é freqüentemente usada para fechar/lacrar a abertura de caixas de papelão destinadas à embalagem, ou para vedar frestas de caixas de isopor além de outros usos semelhantes – produz o efeito de sentido novo de que aquela fita crepe é perfeita para “fechar a boca” das mulheres, numa alusão direta ao imaginário social de que mulheres falam muito, o que provoca incômodo.

Dessa forma, esse sentido inferido pelos *frames* mulher e fita advém da construção mostrada na figura H, elaborada pelo autor:

FIGURA H – Intersecção de *frames*



Intersecção de Frames - Imagem criada pelo autor.

No texto publicitário usado com a intenção de produzir a inferência central ora disposta, encontram-se outras pistas que cooperam na construção de sentido por meio de elementos implícitos subentendidos pelo uso do pronome relativo “que”. Segundo Cipro Neto e Infante (2004, p.418), o pronome *quê* introduz orações subordinadas adjetivas que se subdividem em dois grupos: as explicativas e as restritivas. As explicativas são caracterizadas pelo uso de vírgulas após o pronome relativo e expressam uma espécie de aposto explicando uma característica geral do elemento adjetivado.

Porém, as orações subordinadas adjetivas restritivas revelam-se pela inexistência de vírgula e designam a idéia de que somente aquele elemento anterior em questão é que possui o atributo referendado. Isto é, na expressão: “perfeito para uma mulher que diz tudo o que pensa” o primeiro *quê* faz inferir que apenas um número restrito de mulheres diz tudo o que pensa, e portanto, essas mulheres são aquelas ainda não silenciadas.

Nota-se que não é trazido à baila o grau de pertinência ou impertinência do conteúdo supostamente subentendido no verbo *dizer*. Deve-se também notar que há diferença de sentido entre os verbos *dizer* e *falar*. O verbo *falar* conota a habilidade de pronunciar palavras. Todavia, o verbo *dizer* supera essa designação alcançando o sentido de transmitir conteúdo de significado de forma mais ampla que simplesmente falando. Isto é, é possível falar sem dizer nada, bem como é possível dizer muito sem nada se falar.

Nesse contexto, a frase em evidência faz inferir que não importa se o que a mulher pretende dizer como fruto de pensamento ou raciocínio é certo ou errado; útil ou irrelevante, mas sim que ela deve ser silenciada, simplesmente porque diz o que pensa, tem voz geralmente aguda e é mulher.

Nessa perspectiva, revela-se uma imagem de um mundo machista que não se desvincilhou da era patriarcal, fato este que produz um efeito de humor.

Conforme exposto acima, pode-se concluir que o discurso produzido por meio de inferências retrata, reforça e estabelece valores, conceitos, crenças e identidades sociais.

3.2.2. Análise do texto 5 – Mulheres escrevem: Sexo na carta

É comum certas emissoras de televisão veicularem programas interativos com a presença de médicos ou psicólogos que respondem perguntas dos telespectadores concernentes à saúde, ao comportamento e à vida sexual.

Para tanto, os meios disponibilizados são vários, tais como: e-mails, telefone, bate-papo on-line, cartas e outros.

Como é próprio de cada discurso, os relatos de casos declinados pelos participantes, com o propósito de contextualizar a pergunta iminente, acionam inferências relativas a elementos sócio-culturais implícitos das comunidades envolvidas ou interessadas no assunto abordado.

Assim, dada a ênfase quanto aos índices de audiência, as emissoras não poupam artifícios que atraíam a atenção do público. Dentre os assuntos que elevam substancialmente o índice de audiência de uma emissora está o sexo e a nudez.

Del Priore (2001, p. 99) relata que “no decorrer do Século XX, a mulher se despiu. O nu na mídia, na televisão, nas revistas e nas praias incentivou o corpo a desvelar-se em público banalizando-se sexualmente”. Decorre daí que a constante exposição corpórea e produção de inferências com cunho sexual desencadearam um processo de erotização multidimensional que redundou na depreciação da mulher enquadrando-a na categoria de objeto, e como tal, destina-se ao uso e abuso.

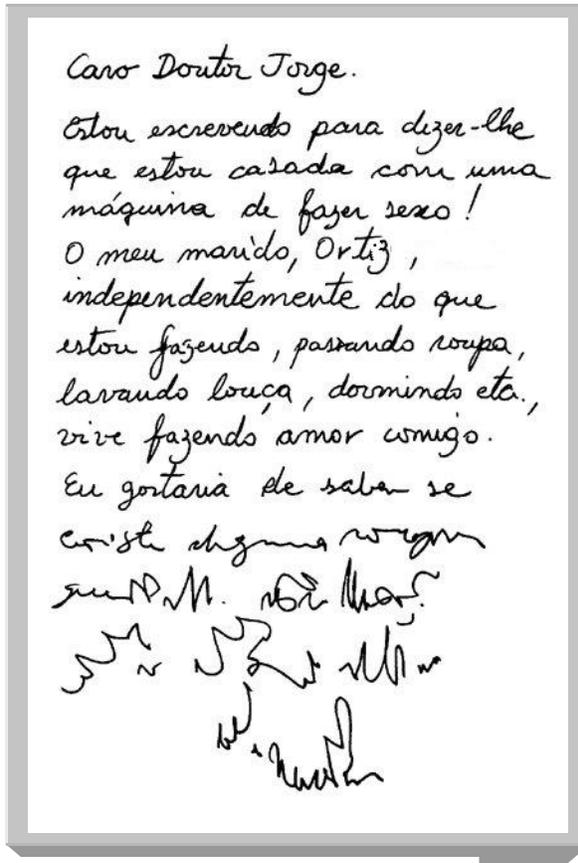
Sob a mesma ótica, Bourdieu (1999, p. 82) manifesta que “elas” as mulheres “existem primeiro pelo e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes e disponíveis”.

Mesmo não concordando com posicionamentos tão radicais como *a mulher destinada ao uso e abuso*, há de se reconhecer que a relação *mulher e propaganda* é muito estreita. Os recortes que fragmentam a imagem do corpo feminino quando as câmeras focalizam as partes eróticas das bailarinas e cantoras de um programa, bem como as roupas e adereços da moda simulando embalagens que, além de incentivar o “consumo”, explicitam seu “conteúdo”, participam na construção do estereótipo de mulher-objeto.

Há, portanto, inferências eróticas nas roupas da moda feminina, nas danças, piadas, propagandas, e conversas do cotidiano. Dessa forma, desencadeia-se um processo de erotização excessiva que redundava em compulsão sexual.

Embora, por meio do humor resultante da inferência, o Texto 5 – Sexo na carta – trata da temática da compulsividade sexual. O texto pertence ao gênero *carta* e esboça um caráter de consulta que se inicia pela descrição da situação vivenciada pela esposa ao comparar o marido a uma “máquina de fazer sexo”. Procede desse predicado a idéia de funcionamento incessante, incansável e com produção repetitiva.

Texto 5 – Sexo na carta



Extraído do site www.bacaninha.com.br

Ao afirmar que, independentemente do que ela esteja fazendo, “passando roupa, lavando louça, dormindo, etc.” em qualquer momento Ortiz, seu marido, procura, essa alegação faz inferir que, de alguma forma, essa compulsividade impossibilita o trabalho da esposa e provavelmente também já excluiu o marido do mercado de trabalho, pois em todas as horas ele está em casa. O texto afirma que o marido “vive fazendo amor” com ela, portanto, sugere-se que “ele vive”, ou seja, a satisfação da compulsão sexual passa a ser o propósito central da vida dessa personagem. Sexo não é uma parte da vida conjugal do casal, mas o foco principal; todas as energias, pensamentos, e comportamentos ficam centrados e guiados por essa suposta necessidade, e esse fato não permite que haja tempo ou lugar para as demais rotinas da vida cotidiana.

A última parte explícita da carta apresenta uma suposta inquietação ao escrever que ela “gostaria de saber se...”,

Kleiman (2004, p.72) destaca que mediante abordagens baseadas em inferências lexicais aprende-se que é possível a convivência com a vagueza de sentido, pois, por meio da adivinhação oriunda do contexto e das pistas lingüísticas, bem como das famílias de conceitos, dá-se continuidade à compreensão.

Portanto, o texto permite inferir que a pergunta seria se esse comportamento é normal, quando, de repente, em confirmação às alegações precedentes entende-se por inferência catafórica ou preditiva que o marido investe em nova solicitação de relações sexuais com a mulher, fato este que a impossibilita de terminar a carta, embora tentasse, pois os rabiscos fazem inferir que continuava tentando escrever, mas não conseguia dadas as investidas do marido.

No entanto, a despeito da pretensa preocupação da esposa quanto à normalidade desse comportamento e de ser tratada como mulher-objeto, pode-se inferir que a expressão “meu marido” exala a idéia de que esse comportamento assegurava a ela a posse do marido e, também que tal compulsividade lhe era agradável, pois ao referir-se ao marido, chama-o de “máquina de fazer sexo”, porém ao incluir-se no processo, eufemiza a ação denominando-a de “fazer amor” atribuindo assim positividade à prática.

De igual forma, percebe-se que as atividades que ela executa no lar não lhe causam aborrecimentos, pois deixa implícito que apreciaria poder continuar a “passar roupa, lavar louça, dormir, etc.”, pois também ela é atendida em suas necessidades físicas, daí é possível entender que as mulheres também podem sofrer de compulsividade sexual como é inferido no exemplo abaixo:

EXEMPLO 5

No hotel, o fato de um casal em núpcias, após quatro dias não ter descido para as refeições no restaurante do hotel, motiva o gerente a verificar se ocorrera algum problema:

- O senhor e a senhora não descerão para o jantar hoje? Tudo está incluído nas diárias.

No restaurante, poucos minutos depois, ao abrirem o cardápio, o marido pergunta:

- O que você vai querer, meu bem?

- Você sabe do que eu gosto, não é?

- Mas, meu bem, você precisa se alimentar...

Os dois textos mostram, pois, a compulsividade em fazer sexo, uma vez por parte do homem, outra por parte da mulher. O Texto 05 – Sexo na carta – produz humor por meio da inferência dedutiva preditiva resultante da contigüidade de dois conceitos socialmente estabelecidos no imaginário social do tipo “se... então...” porque, segundo Flood (1981, *apud* Dell’Isola, 2001, p. 43), “o texto existe, o leitor infere”.

FIGURA I – Inferência dedutiva

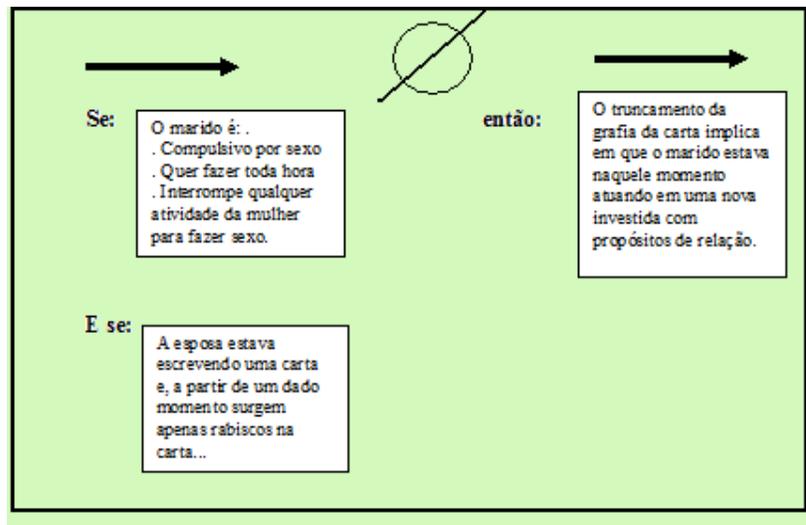


Figura criada pelo autor

Além da produção de humor, as inferências acionadas pelo Texto 05 retratam, reforçam e estabelecem padrões e comportamentos sociais.

Como anteriormente mencionado, as inferências de cunho sexual que fluem proficuamente nos modernos meios de comunicação desencadeiam um processo de erotização constante que propicia a compulsividade sexual tacitamente retratada pelo texto, bem como a projeção da mulher como mero objeto destinado à descarga de libido masculina. Por isso, Cruz (2008) ao citar O’neil, declara que o foco exclusivo da arte erótica não é só o corpo nu da mulher, mas também suas partes.

Nesse enfoque, a BBC⁵ conduziu uma pesquisa com 43 especialistas britânicos dos quais 80% avaliaram que o vício em sexo é um problema patológico, cujo comportamento compulsivo acarreta transtornos.

Christine Lacy é consultora da Relate – uma organização que presta serviços de aconselhamento – e afirma que os viciados em sexo alegam sentir suas vidas “fora de controle”.

Ao referir-se ao mesmo assunto, a Cartoon Notícias⁶ publica os estudos do psicólogo Dr. Eli Coleman da Universidade de Mineápolis, EUA, que detectaram a existência em Portugal de mais de quinhentas mil pessoas viciadas em sexo, com idades variando entre 20 e 30 anos. O estudo revela que essa patologia dá origem a depressões e transtornos laborais. Segundo esse estudo, “quando só se pensa em praticar o ato sexual, a mente fica concentrada apenas em atingir esse objetivo, levando a situações de assédio sexual permanente”.

Como informa o artigo, as investigações científicas realizadas pela Universidade Hebraica em Israel sugerem que esse problema pode estar relacionado ao gene D-4, responsável pela produção hormonal e graduador do apetite sexual. Informa-se também que o artista Michael Douglas admitiu em 1990 ser viciado em sexo e ter sido internado numa clínica de reabilitação nos EUA.

⁵ www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/01/080110_sexohomens_np Acesso em 30/08/2008 17h10min.

⁶ <http://galeriacores.blogspot.com/2008/06/viciados-em-sexo.html> Acesso em 30/08/2008 19h02min.

A literatura médica contém diversos estudos de casos cujos viciados praticavam sexo mais de oito vezes ao dia. Portanto, é nítida a conclusão que o Texto 05 retrata um comportamento social longe de ser esporádico, cujas inferências projetam a imagem do homem como aquele que quanto mais compulsivo e inveterado por sexo ele for, tanto mais viril ele é.

Esse padrão é reforçado constantemente e defende a compulsividade como qualidade heróica circundada de *glamour* social. Pode-se inferir um reforço do padrão estabelecido no imaginário social ao se analisar a possível resposta inferencial na construção de situações como veiculadas pela mídia. Suponha-se que uma mulher bonita cria condições favoráveis e faz inferir que está disposta ao romance com um determinado interlocutor. Este, no entanto, desvencilha-se da circunstância e recusa a oferta. Infere-se da cena um pensamento de: “se fosse comigo eu faria”. Note-se que a afirmação “se fosse” ocorre no modo subjuntivo, portanto, hipotético, mas a forma verbal “faria” é do modo indicativo e pressupõe possibilidade. Assim, embora a oportunidade não tenha surgido literalmente ao expectador, viabilizou-se uma tomada de decisão sobre como agir em tal semelhante circunstância.

Dessa forma, reforça-se o conceito de compulsividade sexual como prática elogiosa.

Mediante os dados aqui elencados, conclui-se que as inferências retratam, reforçam e estabelecem comportamentos sociais.

3.2.3. Análise do texto 06 – Mulheres na música: A garagem da vizinha

A idéia de que quem canta seus males espanta é um legado cultural que se mantém inexorável no pensamento da sociedade, porém, pode ocultar a falácia de que a música também não possa impingir ideologias e comportamentos reprováveis. Storr

(1992, p. 45) sustenta que “hoje, a música está tão livremente disponível que negligenciamos e subestimamos seu poder para o bem ou para o mal”⁷. As descobertas de Blood e Zatorre (1999, p. 382 – 387) indicam que a música pode acionar os mesmos mecanismos neurais associados às sensações emocionais de bem-estar ou desprazer.

Cabe ressaltar que, embora haja grande diversidade de conceitos, doravante emprega-se o termo música como “a consecução simultânea de melodia, harmonia e ritmo esteticamente combinados” (NASCIMENTO Neto, 2003, p. 185), sendo melodia, a sucessão organizada de sons representados pelas notas da escala musical e seus acidentes, cuja altura de tons e semitons é distinta; harmonia, a combinação concomitante de sons distintos da escala musical de forma estética; e ritmo, a variação de longas e curtas durações dos sons.

Nogueira (2003, p. 04) ressalta que no Japão e nos países nórdicos “um educador tem na sua graduação profissional, um espaço considerável dedicado à sua formação musical inclusive com a prática de um instrumento” enquanto que no Brasil, o espaço destinado ao conhecimento técnico-artístico de música é tido como ainda incipiente.

Provavelmente decorre dessa má ou inexistente formação musical por parte do povo brasileiro a padronização ritmo-melódica das músicas comerciais que degradam a arte musical a uma linguagem monospérmica apenas destinada a encher ambientes com sensação de agitação ou para estimular a aeróbica mecanicista contrapondo-se às funções mais nobres, tais como exprimir sentimentos, fazer pensar, comunicar e favorecer um desenvolvimento afeto-cognitivo do indivíduo.

⁷ *Music is so freely available today that we take it for granted and may underestimate its power for good or ill.* – Tradução do autor.

A música durante a ditadura militar no Brasil (1964 – 1985) era uma forma de protesto. Alguns artistas compunham músicas cujo duplo sentido objetivava velar, aos militares, as inferências promovidas contra o regime.

As músicas *Apesar de você*, *A Banda*, ambas de Chico Buarque, *É proibido proibir* de Caetano Veloso, *Cálice*, de Chico Buarque e Gilberto Gil, e *Que as crianças cantem livres* de Taiguara, em suas letras e movimentos musicais continham mensagens implícitas de protesto para driblar a censura por meio do recurso inferencial denominado por Caetano Veloso de “linguagem de frestas”.

Menezes (2000, p. 79) ao estudar a política e a poesia em Chico Buarque, fala sobre uma função catártica da música, isto é, provoca alívio emocional por meio da liberação de pensamentos reprimidos que estavam inconscientes. Esse fato deixa evidente que as inferências patrocinadas nas músicas ainda que sub-repticiamente e, retratam, reforçam e estabelecem comportamentos sociais.

Dada a íntima relação entre música e cultura, a Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, concernente ao ensino de música na educação básica, determina no Art. 26 § 6º que a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo do componente curricular.

Ao se considerar que a música é uma forma de arte por vezes não valorizada como campo de conhecimento no contexto social brasileiro, a partir da aplicação dessa lei, projeta-se que haja mudanças relativas ao grau de conhecimento dos variados gêneros musicais e seus mecanismos concedendo refino e aprimoramento na apreciação dessa arte.

Com relação à língua portuguesa, alguém só é capaz de ler, escrever e entender o que escreve e/ou lê se souber português, conseqüentemente quem não entende uma determinada língua não pode avaliar a qualidade literária de uma

publicação nessa língua. De forma análoga, a apreciação da arte musical mais apurada advém do conhecimento dos mecanismos *sine qua non* para a interpretação, compreensão e/ou produção da linguagem musical.

Portanto, pouca cultura musical é o elemento que contribui para a proliferação de certas, ou por que não dizer erradas, músicas cuja inferência patrocina o preconceito, apologia ao crime, convite à violência e à discriminação bem como a “coisificação” da mulher. Este último fato torna a etimologia da palavra *música* uma ironia, pois música procede dos vocábulos gregos *μουσική* – musiké – e *τεχνη* – techné – cuja composição significa *a arte das musas* ou das deusas mitológicas da poesia.

Para comprovar as considerações aqui feitas, a seguir, far-se-á a análise da música *A garagem da vizinha* de Rio Negro e Solimões. A escolha desta música dentre dezenas de outras, que abordam o tema *mulher e sexo* em uma linguagem inferencial, se deu porque esta música usa a linguagem implícita de forma bastante abusiva como a análise mostrará.

Texto 06 – Garagem da Vizinha – Rio Negro e Solimões

Lá na rua onde eu moro
 Conheci uma vizinha
 Separada do marido
 Está morando sozinha
 Além dela ser bonita
 É um poço de bondade
 Vendo meu carro na chuva
 Ofereceu sua garagem.
 Ela disse: "Ninguém usa desde que ele me deixou.
 Dentro da minha garagem teia de aranha juntou.
 Põe seu carro aqui dentro, senão vai enferrujar.
 A garagem é usada, mas seu carro vai gostar."

Refrão (2x)
 Põe o carro, tira o carro.
 Na hora que eu quiser
 Que garagem apertadinha

Que doçura de mulher
Tiro cedo, ponho a noite e também de tardezinha
Tô até trocando óleo na garagem da vizinha...

Só que meu poçante tem
Uma linda carretinha
Que eu uso pra vender coco
Na minha cidadezinha
Mas a garagem é pequena
O que é que eu faço agora?
O meu carro fica dentro e os cocos ficam de fora

A minha vizinha é boa
Da garagem vou cuidar
Na porta o mato cresceu
Dei um jeito de cortar
A bondade da vizinha é coisa de outro mundo
Quando não uso a da frente uso a garagem do fundo.

(Extraído do site: <<http://letras.terra.com.br/rio-negro-e-solimoes/442297/>>)

A letra da música *Garagem da vizinha* de José Divino Neves e Luis Felizardo que formam a dupla sertaneja Rio Negro e Solimões, embora inicie sem um vocativo, permite inferir que se trata de uma narrativa informal e orgulhosa de um homem a seu amigo sobre uma de suas conquistas sexuais: *Lá na rua onde eu moro, conheci uma vizinha...*

Para tanto, ao empregar o adjunto adverbial de lugar – *na rua onde eu moro* – infere-se uma noção de proximidade, algo fácil ou cômodo, bem à mão e, então, introduz o cerne de seu interesse – *conheci uma vizinha*.

A partir dessa informação, cria-se uma gradação inferencial de expectativa quando anuncia a condição de separada do marido e que está morando sozinha. Dessa forma, suscita o estigma arcaico de que mulher separada é sinônimo de mulher largada ou desprotegida, portanto disponível para, ou à mercê de fortuitas investidas de qualquer homem. Esta imagem se reforça no restante do texto.

A Lei 6.515 de 26 de dezembro de 1977 sancionada pelo então presidente da República Ernesto Geisel legalizou o divórcio no Brasil. Desde então, o número de separações judiciais é crescente, sendo que no ano de 2005 ocorreram, de acordo com o IBGE, 100.448 dissoluções de casamento.

Após um divórcio traumático, muitos envolvidos sentem depressão, ou angústia intensa e conseqüentemente redução da auto-estima pelo fim do casamento. Decorre dessa condição de baixa auto-estima a inferência de que haja uma maior disposição para a liberalidade sexual como forma de sublimação, o que, sob a influência da mídia, é proposto e incentivado.

Assim, mediante a condição civil da vizinha, o discurso inferencial sugere que filhos ou outros parentes seriam um estorvo, mas a vizinha mora só.

Dessa forma, estabelecida a inferência de disponibilidade da vizinha, o verso 3 da primeira estrofe menciona a metáfora hiperbólica – *poço de bondade* – como atributo da vizinha além da beleza, o que dada a construção frástica e inferência de continuidade (forward inference) projeta que a bondade a que se refere não é característica psicológica, mas física, ou seja, ser boa significa que possui glúteos estéticos em um corpo bem torneado e atraente sexualmente.

Nesse contexto, a estrofe prossegue evidenciando a cooperação da vizinha no processo de galanteios originados a princípio, como se pode inferir, em uma prática de parafilia ou exibicionismo, isto é, exposição sexual a pessoas estranhas. Isto se dá porque, como será visto mais adiante, *carro* é empregado como alegoria para fazer inferir o órgão sexual masculino. Conseqüentemente, inferir-se-á que garagem seja a alegoria que retrata a cavidade sexual feminina. Por esse motivo, ver o *carro* na chuva pode implicar em que, de alguma forma, o pênis estava em exposição e molhado como referência à umidificação que ocorre no processo de excitação, e, o oferecimento da garagem ostenta o aceite da vizinha ao galanteio.

A ênfase inferencial aumenta quando a vizinha diz que ninguém usa desde que ele (o marido) a deixou.

De fato, o sentido abordado é conotativo, pois os elementos que favorecem o duplo sentido são abundantes como nos trechos *ninguém usa desde que ele me deixou, dentro da minha garagem teia de aranha juntou, põe seu carro aqui dentro, a garagem é usada e seu carro vai gostar.*

Nesse trecho referir-se à teia de aranha remete, entre outras possibilidades, à falta de uso e aparente abandono da *garagem* ao que segue o verbo por no imperativo para fazer inferir súplica ou ordem para que ocorra a cópula, pois o dêitico *aqui dentro* é usado de forma enfaticamente distinta à expressão *dentro da minha garagem* anteriormente empregada.

Em continuação à ostensão inferencial (SPERBER & WILSON, 2000) de licenciosidade emprega-se a expressão *a garagem é usada* para argumentar que não é virgem ou que já coabitou, portanto, tem experiência para afirmar que o *carro vai gostar*. Perceba-se que carros são inanimados dessa forma, trata-se de mais uma referência à satisfação da libido. Após a preparação de um ambiente inferencial relativo à lascívia, o refrão simula o movimento de coito com as palavras *põe o carro, tira o carro*. O movimento é sugestivo na dança, na articulação lingüística e na força cinética produzida sobre o passageiro quando o carro arranca e pára pois faz com que os tripulantes movimentem-se para trás e para frente respectivamente.

Por meio da associação metafórica de garagem e mulher firma-se mais ainda a inferência de cunho sexual quando se declara que a vizinha é um *doce* porque *possui uma garagem apertadinha*. Essa referência faz inferir que a musculatura vaginal da vizinha ainda permanece rija.

O refrão se encerra com a afirmativa de que até a *troca de óleo* ocorria na *garagem da vizinha*, isto é, a liberação do sêmen não era interrompida. A expressão

chula *trocar o óleo* em um contexto sexual implica em manter relações sexuais, cuja ejaculação é comparada à lubrificação advinda ao motor do automóvel pela substituição do óleo usado por óleo novo.

A malícia inferida pela segunda estrofe da música envolve a descrição anatômica do órgão sexual masculino, denominado de *possante*, isto é, pujante, vigoroso, grande, altivo. A idéia de que a atividade sexual promíscua é sinal de virilidade é retratada, reforçada e estabelecida no texto. Infira-se então *carretinha* por saco escrotal e *cocos* por escrotos. Assim, o símbolo conduz à visualização da imagem produzida pela frase final da segunda estrofe – *o meu carro fica dentro e os cocos ficam fora* – pois só a glândula e o corpo peniano são introduzidos durante a relação sexual.

A terceira estrofe reafirma a formosura da vizinha e doravante, parte para uma descrição inferencial do órgão sexual feminino ao fazer referência ao hirsutismo ou crescimento de pêlos na mulher, inferindo que a pilificação que cresce na parte da vagina chamada de monte de Vênus é símbolo de descuido, e encerra com a ostensão inferencial relativa ao sodomismo com a expressão *uso a garagem do fundo*.

Marzano (2008) em *O prazer secreto* informa que como no esfíncter anal não ocorre lubrificação natural. As micro-lesões resultantes dessa prática viabilizam mais intensamente a contração de doenças sexualmente transmissíveis, além do que, dada a proliferação de bactérias e secreções fecais nessa área, é possível a ocorrência de infecções, infertilidade e pelviperitonite entre outras conseqüências.

Ao se desnudarem as inferências desse texto, é possível afirmar que, o texto apresenta características política e socialmente incorretas, ao retratar discursos estereotipados que, de forma inferencial, reduzem a mulher a uma posição de mero objeto sexual.

Mediante as abordagens ora tecidas, constata-se que o texto retrata, reforça e estabelece padrões sociais ensinando-os por meio de inferências que propalam posturas

preconceituosas contra a mulher, instigam práticas promíscuas, sugerem comportamentos eróticos não naturais, os quais inadvertidamente podem oferecer riscos à saúde, além de estabelecerem como normal a explicitação de intimidades e privacidade de parceiros sexuais em rodas de amigos ou a terceiros, o que, em maior grau, se manifesta em sites da internet e se caracteriza em crime.

Assim, a idéia de que as inferências nas músicas apenas instilam comportamentos saudáveis é falaciosa. Portanto, estima-se que em decorrência de um maior conhecimento musical, a produção artística e as inferências que elas acionam também se aprimorarão.

3.2.4 Análise do texto 7: Propaganda das sandálias havaianas

Exceto por profissão religiosa, ninguém gosta de ser chamado de pobre. A palavra *pobre* conforme descende da composição latina de *pau* e *pario* que significam respectivamente *pequeno* e *dar à luz* integrantes do termo *pauper*, cujo emprego original se dava no contexto agro-pecuário para designar uma produção amesquinhada, portanto incorpora uma idéia de negatividade no imaginário social.

FIGURA J – Juliana Paes e as sandálias havaianas



Extraído do www.youtube.com.br

A propaganda das sandálias havaianas que apresenta a atriz Juliana Paes trajando uma canga e calçando um par desses chinelos enquanto transita por uma rua litorânea e é interpelada por um casal de idosos que intenta estabelecer uma inferência positiva por meio do argumento da autoridade tacitamente introduzido devido ao prestígio estético e social de que goza a atriz.

A princípio, inspirada no modelo da *Zori* – uma sandália japonesa que possui solado plano e uma tira em forma de “V” entre os dedos – a São Paulo Alpargatas S/A lançava em 14 de junho de 1962 a versão nacional fabricada com borracha chamada de *havaianas* que, por ser uma opção de calçado muito simples e barato constava na lista de itens que tinham seus preços regulados pelo extinto CIP – Conselho Interministerial de Preços. (Decreto N° 63.196 de 29 de Agosto de 1968. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=194126>).

A intenção inferencial de estabelecer *glamour* ao uso das sandálias havaianas decorre do fato de que, com o passar do tempo, a falta de inovações agregou uma inferência de pobreza sobre quem usava esses chinelos.

Segundo Carlos Miranda, analista da Ernst & Young, mesmo as pessoas de classe popular não tinham coragem de sair de casa usando um par de havaianas porque isso não trazia prestígio. Embora detendo 90% do mercado nacional, a baixa rentabilidade desestimulou também o próprio fabricante.

Os termos *pé-de-chinelo* e *pé-rapado* corroboram a idéia de que usar chinelos é, no imaginário coletivo, sinônimo de pobreza e falta de prestígio. Já no Século XVII, o poeta Gregório de Matos Guerra (1633 - 1696) destinou versos a Anica, uma mulata que lhe pedira sapatos, aplicando o vocábulo *pé-rapado*,⁸ - provavelmente uma alusão ao fato de que, quando se andava descalço, a lama aguerrida aos pés era rapada com um caco de telha ou com uma faca no intento de retirar o excesso de barro.

Assim, o significado de *pé rapado*, bem como *pé de chinelo* se refere pessoas de classe social precária, humilde ou paupérrima e é sinônimo de pobretão.

Em 1994, a marca *Rider* começa a concorrer no mercado ofertando chinelos em PVC – *Polyvinylchlorid* - Poli Cloreto de Vinila, o que motivou a São Paulo Alpargatas a diversificar seus produtos lançando o modelo monocromático chamado de *havaianas top* cuja propaganda televisiva era feita por personalidades do esporte o que garantiu a venda de 300 mil unidades no primeiro ano de comercialização.

Dessa forma, o mesmo produto, com carga inferencial de pertinência tradicional às classes mais baixas, torna-se produto com *glamour* ao se estabelecer um juízo de valor inferencial positivo via propaganda, isto é, se as sandálias havaianas são

⁸ 'Se tens o cruzado, Anica, / manda tirar os sapatos, / e se não, lembra-te o tempo, / que andaste de pé rapado.' - Texto: Obra Poética, de Gregório de Matos 3a. edição, Editora Record, Rio de Janeiro, 1992.

usadas pela atriz Juliana Paes, que se notabilizou nacionalmente por suas atuações em telenovelas da Rede Globo, foi considerada em 2006 pela revista norte-americana *People* como uma das cem mulheres mais sensuais do mundo e que, no dia 09 de setembro de 2008 casou-se com o empresário Carlos Eduardo Batista, então o produto passa a ser prestigiado.

Condição semelhante também se estabelece na Europa, onde o preço das sandálias havaianas chega a U\$20,00 para que as consumidoras da França venham a inferir um caráter de luxo agregado ao produto.

Para tanto, sobre o estabelecimento de novos padrões no imaginário social, Bethania (1998, p.63) diz que “os sentidos vão se somando e filiando, num processo quase imperceptível de cristalização”, e que “ganham sua espessura pela repetição”, o que ocorre “as vezes de forma nítida, e as vezes sutilmente disfarçada.”

Decorre daí que a vinculação da “objetividade dos fatos, isto é, sua evidência de visibilidade, resulta inevitavelmente de um gesto interpretativo que se dá a partir de um imaginário já constituído”, portanto, o estabelecimento de conceitos, veiculados por inferência no texto, forma uma base que sustentará a pertinência de sentidos e, que por sua vez, consecutivamente serão base para novos sentidos. Dessa forma, a re-significação inferencial constante, (ou institucionalização dos sentidos cf. Bethania, 1998, p. 63) produz alteração do comportamento social.

Para tanto, a propaganda mostra um casal de sexagenários caminhando pela calçada à beira da praia. Nesse contexto ocorre o seguinte diálogo:

Diálogo contido na propaganda das havaianas

Homem: - Que dia lindo! Não é, meu amor?

A partir desse momento, encontram a atriz Juliana Paes e, a senhora, sem responder à interjeição do companheiro, entabula uma seqüência de elogios à atriz:

Mulher: - Juliana!

Juliana: - Oi.
 Mulher: - Como você é linda!
 Juliana: - Ah! Obrigada.
 Mulher: - Tudo em você é perfeito... Olha essas havaianas...
 Combina com seu cabelo. Combina com seus olhos, seu sorriso, com sua canga...
 Juliana: - Ai, nossa! Muito obrigada.
 Homem: - É... só não combina com o biquíni! Eu acho...
 Juliana: - Não, não. Combina sim, combina...
 Nesse momento Juliana Paes começa a desatar o nó da canga.
 Homem: - Eu acho que não.
 Após abrir a canga, diz o homem:
 Homem: - Que! Como combina, hein! Que maravilha!...
 A mulher dá um beliscão no homem.
 Homem: - Ai!
 Locutor: Havaianas, todo mundo usa.

A propaganda se utiliza de recursos inferenciais intrínsecos, isto é, entre as personagens, e extrínsecas – aquelas acionadas por aqueles a quem é destinada a propaganda. Dessa forma, a frase – *Que dia lindo! Não é, meu amor?* – constrói condições favoráveis para a ocorrência de inferências não autorizadas em relação à mulher, e inferências autorizadas em relação ao expectador, e evidencia que o homem já havia visto a atriz Juliana Paes e previu que se encontrariam. Portanto, dada essa oportunidade, ele camufla para a mulher seu juízo de valor de que a presença de Juliana Paes naquele lugar fazia o dia ser lindo, ao passo que autoriza essa inferência ao expectador.

A princípio, sem ter operado uma *bridging* - ponte - entre a fala do companheiro e o súbito encontro, a mulher aplica o adjetivo *linda* à Juliana Paes. O que evidencia que a inferência não autorizada exerceu seu papel de camuflagem tanto para a presença quanto para o juízo que ela era linda.

Sobre esse recurso de camuflagem e a possibilidade de ser desmascarado, Ducrot declara:

[...]Sempre poderei proteger-me por trás do sentido literal de minhas palavras e deixar a meu interlocutor a responsabilidade da

interpretação que delas faz. [...] e permite acrescentar alguma coisa ‘sem dizê-la, ao mesmo tempo em que ela é dita.’” (DUCROT, 1987, p. 19)

Durante a interpelação elogiosa da senhora, o companheiro fica contemplando a Juliana Paes, e elabora uma estratégia inferencial para que a fizesse tirar a canga, obviamente uma inferência não autorizada, pois, senão a leitura dessa intenção desencadearia uma ação contrária por parte da atriz.

Para tanto, o homem patrocina uma inferência triangular que camufla sua intenção primaz. Haja vista que o biquíni estava coberto, o artifício da dúvida, quanto a se o biquíni combinaria ou não com as sandálias havaianas, promove a inferência de que o interesse centrava-se no campo da moda e induz a atriz a abrir a canga para confirmar a perfeita harmonia de seus trajes. Após a aparente relutância do homem em aceitar apenas a palavra afirmativa da atriz.

Dessa forma, o homem camufla seu intento de ver a Juliana Paes de biquíni evidenciando um objetivo-máscara: o biquíni combina com as sandálias? Pode-se entender melhor esse recurso mediante o gráfico : $X \Rightarrow [B(A)] \Leftarrow Y$ onde (X) e (Y) são os interlocutores, (A) é a inferência-máscara para o objetivo (B), então (X) é o homem e (Y) é Juliana Paes. (A) é o suposto interesse pela moda e o desejo de verificar se a atriz Juliana Paes sai de casa com peças contrastantes ou sortidas a ser inferido por (Y), enquanto que (B) é a inferência não autorizada do propósito real de ver o corpo de Juliana Paes.

Sugere-se que, após ter alcançado êxito em sua investida de fazer Juliana inferir (A) e abrir a canga, somente a partir da exclamação: *E como combina, hein!* é que Juliana Paes infere que o real propósito de (X) era (B).

O beliscão, que o homem recebe da companheira, indica que o acionamento inferencial da mulher ocorreu concomitantemente ao de Juliana, e significa uma repreensão pelo atrevimento do companheiro.

Em nenhum momento se declara explicitamente na propaganda que as sandálias havaianas são um produto prestigiado porque a atriz Juliana Paes usa esse produto, mas encerra-se com a fala do narrador a declarar que “todo mundo usa.”

Diferentemente das propagandas anteriores das sandálias havaianas, cujo foco era o próprio produto e suas qualidades, como: “as legítimas”, “a única que não tem cheiro e não solta as tiras” etc. Portanto, os atributos de serem boas, baratas, bonitas e resistentes são aspectos irrelevantes ou não focados explicitamente. Isso se entende porque se Juliana Paes usa essas sandálias, então são boas.

Assim, a imagem de Juliana Paes como pessoa simpática, sorridente, e sociável é percebida por inferência, pois como repete Maingueneau (2008, p. 98), “o orador enuncia uma informação, e *ao mesmo* tempo diz: sou isto, eu não sou aquilo. Desse modo a eficácia do *ethos* se deve ao fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem estar explícito no enunciado.”

Decorre daí que essa imagem socialmente aceita é condição *sine qua non* para a vendagem do produto, pois são modelos que são imitados. Goffman (2002, p.41-42) fala sobre a importância da manutenção de fachadas e declara que esses modelos trazem a impressão de que, imitá-los significa crescer ou subir em importância social.

Verificamos habitualmente que a mobilidade ascendente implica na representação de desempenhos adequados é que os esforços para subir e para evitar descer exprimem-se em termos dos sacrifícios feitos para a manutenção da fachada.

A tendência das castas inferiores em imitar as mais elevadas foi um poderoso fator na difusão dos rituais e costumes sânscritos e na realização de um certo grau de uniformidade cultural, não somente ao longo da escala das castas, mas em todas as direções da Índia. (GOFFMAN, 2002, p.41,42)

Ao se considerar que as mídias é que impõem sua construção e interpretação dos fatos e costumes, chega-se a conclusão de que as inferências acionadas pelos textos de charge, música e propagandas aqui analisados por amostragem, não só retratam e reforçam os padrões de comportamentos sociais como também os estabelecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho registra o percurso investigativo realizado para se testar a pertinência científica da hipótese levantada empiricamente de que, com propósitos de predeterminar possíveis inferências na mente do interlocutor, manipula-se a disposição dos aprendizados e os conceitos sociais interiorizados desde a primeira socialização de forma que, tacitamente se tornem argumentativas.

Mediante o cenário configurado pelas sondagens empreendidas nos recortes analisados sob os aportes teóricos que as embasaram, chega-se a ilação da legitimidade da referida hipótese.

A partir desta pesquisa, constatou-se a existência de força persuasiva na geração de inferências acionadas pela manipulação das relações de significado com os conhecimentos compartilhados socialmente.

No entanto, urge declarar que a geração de inferências predeterminadas, como asseguram Sperber & Wilson (2001, p.115), pode falhar, pois a leitura e a geração de inferências estão vinculados ao leitor e ocorrem de forma múltipla.

Verificou-se que, desde o surgimento da invenção da escrita, o uso de inferências para o estabelecimento de ligação entre o texto e a significação tem sido essencial. Portanto, o significado se faz no leitor, o texto apenas fornece pistas para a construção do significado mediante o respaldo sócio-cultural e das experiências vivenciadas pelo leitor.

Constatou-se neste trabalho, que as inferências acionadas nas conversas e pelos textos, podem ser usadas para ocultar as intenções do emissor atribuindo-lhe máscaras sociais favoráveis. As inferências são, em grande parte, determinativas do comportamento social, pois, conforme Bourdieu (2005, p.211), os esquemas lingüísticos

implícitos conseguem se impor com mais força persuasiva por não haver necessidade de serem explicitados.

Verificou-se também que, os conceitos sociais adquiridos por inferências são conservados por meio do instrumento da conversa, conforme assegura Pais (2004, p.203), instrumento este que, além de conservar, “modifica e reconstrói as realidades subjetivas”.

Tendo-se em vista que, “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 2000, p. 279), depreende-se que, as inferências – processo que, conforme Goffman (2002, p.13) permeia cada momento da vida – possuem força persuasiva capaz de retratar, reforçar e estabelecer comportamentos sociais.

Concluiu-se que, em muitas ocasiões, não é conveniente ao pensamento ser retratado de forma explícita, pois, ao se deixar uma certa latitude interpretativa ao interlocutor, a mensagem assume maior força persuasiva mediante a impressão de que as inferências acionadas são oriundas do próprio interlocutor, além de que, conforme postula Ducrot (1987, p.19), sempre o emissor poderá se escudar com os sentidos literais enquanto que a responsabilidade interpretativa recairá sobre o interlocutor, de forma que o dito é tido como não dito, mas inferido. Portanto, em última análise, igualmente dito, de fato.

Dessa forma, ao se somarem os aspectos abordados no que se refere à força persuasiva das inferências no estabelecimento de comportamentos sociais e a interligação que se construiu entre esses aspectos da sociolinguística, discurso, cognição, retórica e sociologia, depreende-se que a força persuasiva das inferências em textos de ampla circulação é real e efetiva. Ela é capaz de impor silhuetas comportamentais adversas à individualidade, justamente por operar no campo das

configurações do arbítrio pessoal e social, cunhando esquemas mentais que determinam os juízos de valor do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade.

À vista destas considerações, espera-se que este trabalho, ainda que minimamente, contribua com a sociedade em sua necessária fuga da manipulação das massas presente nos textos de grande circulação que, como verificado, contêm, além do aspecto informativo explícito, material retórico velado, por vezes empregado como estratégia para a alienação e condicionamentos da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Trad. de J. P. Xavier Pinheiro. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- AMABIS, Mariano. MARTHO, Gilberto. *A biologia das células*. São Paulo: Moderna, 2004
- ÂNGELO, Ivan. *A casa de vidro*. São Paulo: Cultura Editora, 1979.
- APOLINÁRIO, Pedro. *Grego*. 2. ed. São Paulo: IAE, 1980.
- BAKTHIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBOSA, Maria Antônia. Busca pelo padrão de beleza deixa mulheres infelizes. *Jornal Unisul Hoje*. Santa Catarina: 25 de Janeiro de 2008. Disponível em <http://www.unisul.br/content/jornalunisulhoje/home/integradanoticia.cfm?objectid=8415AE23-3048-6857-889-B41B86963E42E&secao=pesquisa>. Acesso em 23 Abr. 2008.
- BATISTA, Alessandra; LEME, Talita de Almeida. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlo/cejap>> acesso em 10 de mai. 2007, 15:20:31.
- BBC. *Viciados em sexo*. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/01/080110-sexohomens-mp> acesso em 30 Ago. 2008.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tratado de Sociologia do Conhecimento. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: Uma Visão Humanística*. 25ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BÍBLIA, A.T. Provérbios. Português. Bíblia versão de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007. Cap. 26, vers. 23.
- BLOCK, David. *Identity in the social sciences today*. England: Oxford Biddles Ltd. 2007.
- BLOOD, AF. ZATORRE, RJ. BERMUDEZ, P. EVANS, AC. *Emotional responses to pleasant and unpleasant music correlate with activity in paralimbic brain regions*. 1999. Disponível em: <http://www.tryazure.com/pdf/Blood%20AJ%20Zatorre%20RJ%20%20_2001_%20%20Intensely%20pleasurable%20responses%20to%20music%20correlate%20with%20activity%20in%20brain%20regions%20implicated%20in%20reward%20emotion.pdf> <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10204547>> acesso em 15 de ago. 2008.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Wiston, 1933.
- BORGES, Michelson. *Nos bastidores da mídia: como os meios de comunicação afetam a mente*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRASIL. Decreto nº 63.196 de 21 de Agosto de 1968. Institui o CIP – Conselho Interministerial de preços. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=194126>. Acesso em 01 Nov. 2008.
- BRASIL. Lei 11.769 de 18 de Agosto de 2008. Sobre a obrigatoriedade do ensino de música no currículo escolar. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/-Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm. Acesso em 09 de Set. 2008.
- BUCHSBAUM, Paulo. *Frases Geniais que você gostaria de ter dito*. São Paulo: Ediouro, 2004.

- BUDGE, Wallis. *El Libro Egipcio de los Muertos*. Buenos Aires: Editorial Kier S.A 1994.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande Dicionário Etimológico – Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Brasileira Ltd., 1974.
- BYRD, Dani. Relations of sex and dialect to reduction, In *Speech Communication*, Califórnia, vol. 15, 1994, p. 39-54, 1994. Disponível em: <http://portal.acm.org/citation.cfm?id=196979.196982&dl=GUIDE&dl=GUIDE> acesso em 6 de ago. 2008.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística. Uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo 2. ed. São Paulo: Editora Parábola, 2002.
- CARTOON. *Viciados em sexo*. Disponível em: <http://galeriacores.blogspot.com/2008/06/viciados-em-sexo-sexo.html>. Acesso em 30 Ago. 2008.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CETESB. Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental: banco de dados. Disponível em: <http://www.cetesb.sp.gov.br/institucional/dengue/dengue.asp+cetesb+culicidae&hl=pt-br&et=clnk&cd=1&gl=br> acesso em: 15 de jun. 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHOMSKY, Noam. *Syntatic Structures*. The Hague: Mounton, 1957.
- CIPRO, NETO. Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione. 2004.
- CRUZ, Sabrina Uzêda da. *Corpos em Evidência: imagens de mulheres nas propagandas de cerveja*. Bahia: 2008. Dissertação de Mestrado. UFBA. 2008.
- DAMKE, Ciro. Linguagem e dialogia: In: *Letras e Letras*. Cascavel, 1992, p. 19-25.
- DELL'ISOLLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- DEL PRIORE, Mary. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto. 2001.
- DIRINGER, David. *The Book Before Printing Ancient, Medieval and Oriental*. New York: Dover Publications Inc., 1982.
- DUARTE. Mario Sérgio de Brito; SILVA, Robson Rodrigues da; OLIVEIRA, João Batista Porto de & SILVA, Leonardo de Carvalho (org.) *Bala Perdida*. Rio de Janeiro: ISP, 2008. Disponível em: <http://urutau.proderj.rj.gov.br/isp-imagens/Uploads/BalaPerdida1Tri2008.pdf>. Acesso em 17 jun. 2008.
- DUCROT. Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- DURKHEIM, Emile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ECO, Umberto. *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ática, 1991.
- FARACO, Carlos Emile; MOURA, Francisco Marto. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1999.
- FÀVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.
- FELDENS, Tatiana Cristina. Estudo sobre as charges: o meio ambiente retratado pelo desenho na imprensa gaúcha.
- FERNANDES, Florestan; MARX Karl, ENGELS Engels. *História*. São Paulo: Ática, 1984.
- FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística I. Objetos Teóricos*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FISCHER. Steven Roger. *História da leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.
- GARNHAM, Alan. *Psycholinguistics-Central Topics*. New York: Routledge, 1985.

- GEERTZ, Clifford. *O Saber Local*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOETHE. *Máximas e Reflexões*. Tradução de José M. Junto. In. _____. Obras escolhidas de Goethe, Lisboa: Círculo de Leitores, 1992.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do eu na Vida Cotidiana*. 10. ed. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GONÇALEZ T, Sabino; CHAMONE DF. *Doação de sangue: uma visão de. Brasil*, 2003. vol. 21 n.º.3 Disponível em <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000300028&lng=en> Acesso em: 05 jul. 2008.
- GRICE, H. Paul. *Lógica e Conversação*. In DASCAL, Marcelo (Org). *Pragmática – problemas, críticas, perspectivas da lingüística*. Campinas: Edição do Autor, 1982.
- GRIMM, Irmãos. *Kinder – und Hausmarchen*. Seipzig: Schmidt e Gunther, 1937.
- GUERRA, Gregório de Matos. *Obra poética*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- HEALEY, John F. *The Early Alphabet*. Londres: British Museum Press, 1993.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário de Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- IDE, Pascal. *A arte de pensar*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JEAN, Georges. *Writing the story of alphabets and scripts*. New York: Thames and Hudson, 1987
- JOSEFO, Flávio. *Guerra de los Judios*. In: *Obras completas de Flávio Josefo*. Buenos Aires: Acervo Cultural Editores, 1961.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de Leitura: Teoria e Prática*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; Fávero, Leonor Lopes. *Lingüística Textual*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coerência Textual*. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. *Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerda, 2007.
- _____. *Argumentação e linguagem*. 10. ed. São Paulo: Edição Cortez, 2006.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- LAKOFF, Robin Tolmach. *Language and Women's Place*. New York: 1975.
- LÉZIO, JÚNIOR. Dengue. *O Diário da Região*. São José do rio Preto – SP. 04 de Abril 2008. Disponível em: <http://www.diarioweb.com.br/index.asp>. Acesso em 12 de Out. 2008.
- LIPTON, Peter. *Inference to the best explanation*. 2. ed. New York: Routledge, 2004.
- LUDWIN, Silvia Terra. RODRIGUES, Alziro César de Moraes. *Doação de sangue: uma visão de marketing*. Caderno de saúde pública – Scielo, Rio de Janeiro, vol. 21, n.3, 2005. disponível em< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000300028> acesso em 10 de jul. 2008.
- LYONS, John. *Língua(gem) e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1987.
- MACEDO, Ana Cristina Pelosi de (Org.). *Faces da Metáfora*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

- MARCUSCHI, Luis Antonio. *Do Código para a Cognição: O Processo Referencial Como Atividade Criativa* Revista. *Veredas*. Minas Gerais, vol. 6 N. 1, p. 43-69.
- _____. *Cognição e linguagem: praticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MARCUSCHI, Luis Antonio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 125-145.
- MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa*. Rio de Janeiro/ Campinas: Renavan/ Unicamp, 1998.
- MARX, Victor.; DENKER, Eduardo.; ARES, Marcel. *As impúblicáveis pérolas da propaganda agora publicads*. São Paulo: Panda Books, 2007.
- MARZANO, Celso. *O prazer secreto*. São Paulo: Eden, 2008.
- MEHL, Matthias et al. Are Women Really More Talkative Than Men? *Science*, vol.317 n. 5834, p. 82-82, 2007. Disponível em <http://www.Sciencemag.org/cgi/content/full/317/5834/82> acesso em 25 de ago. 2008.
- MENESES, Adélia Bezerra de. *Desenho mágico: poesia e política em Chico Buarque*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2000.
- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.
- MUNZERT, Alfred W.; HOWARD Rebecca. *As Cores e sua Personalidade*. São Paulo: Ediouro, 2001.
- NASCIMENTO, NETO. Reginaldo. *Interactive Synapse in English*. 3. ed. São Luís: 2003.
- NOGUEIRA, Monique Andries - A música e o desenvolvimento da criança. *Revista da UFG*, Vol. 5, No. 2, dez 2003 on line Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/infancia/G_musica.html acesso em 22 de ago. 2008.
- OLIVEIRA, FILHO. José Antônio Amâncio. Charge – Dengue no Rio de Janeiro. *O Diário de Natal.*, Natal, 2008. Disponível em: <http://maryvillana.blogspot.com/2008/04/dengue-no-rio-de-janeiro-est-assustando.html>. Acesso em: 15 de Jun. 2008.
- OTONI, Paulo Roberto. *Visão Performativa da Linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- ONODA, Raquel Mari. Reconhecimento de padrão temporal e escuta dicótica em descendentes de japoneses, falantes e não-falantes da língua japonesa. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, vol.72 n° 6.
- PAIS, José Paulo. *Vida Cotidiana: Enigmas e Revelações*. São Paulo: Cortez, 2004.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PERELMAN, Chaim; TYTECA, Lucie Olbrechts. *Tratado da Argumentação*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PINKER, Steven. *Como a Mente Funciona*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PLATÃO. Phaedo. S/d. Disponível em <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&id=ZBW492OmAswC&dq=phaedo&printsec=frontcover&source=web&ots=DWNBAdpW3E&sig=TDHpvWX6DqGog7Y1JgyAay6JYj8&sa=X&oi=book_result&resnum=4&ct=result#PPP1_M1> Acesso em: 05 jul. 2008.
- POPPER, Raimund Karl. *Conjecturas e Refutações*. 4ª ed. Editora UNB. Brasília: 1972.
- PROVÉRBIOS. *Nem o rouxinol de cantar, nem a mulher de falar*. Disponível em: <http://www.citador.pt/proverbios.php?proverbios>. Acesso em 02 Set. 2008.
- _____. Disponível em: <http://www.citador.pt/proverbios.php?op=7&theme=segredo&firsttree=0>. Acesso em 02 Set. 2008.

- REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá-PR: Eduem, 2000.
- SABAT, Ruth. *Imagens de gênero e produção de cultura*. In: FUNCK, Susana Bornéo. WIDHOLZER, Nara. (org.). *Gênero em discursos da mídia*. Florianópolis: Ed. Mulheres. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cutrix, 1969.
- SILVA, Ignácio Assis. *A dêixis pessoal*. Tese de doutorado, São Paulo, FLLCH-USP, 1972.
- SANTA-CLARA, Ângela; SPINILLO, Aline Galvão. Pontos de Convergência entre o Inferir e o Argumentar. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 22 n. 1, p. 87-94.
- SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Política lingüística no Brasil e no Mercosul: O ensino de primeiras e segundas línguas em um bloco regional. In: SAVEDRA, Mônica; HEYE, Jürgen. *Revista Palavra – Departamento de Letras da PUC-Rio*. nº 11, 2003. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2003.
- SMITH, F. Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler. Trad. Daise Batista, Porto alegre: Artes Médicas. 1989.
- SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre. *Relevância: comunicação e Cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- SOARES Magda. As condições sociais da leitura; uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel. *Leitura perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988. p. 18-29.
- STORR, Anthony. *Music and the mind*. Ballantine Books – Random House, N.York: 1992.
- TRIPICCHIO, Adalberto. *Relação cérebro – linguagem humana em co-evolução*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2004, vol. 1. Tese de doutorado em filosofia, São Carlos, 2004.
- VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- WHITE, Ellen Gold. *The Desire of Ages*. California, USA: Pacific Press Publishing Association, 1898.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)